



Louisa

Salvatore Escompi

J. Ely. The Great Mining

CASAL RIBEIRO

O maior elogio do systema representativo e do regime liberal, é a facilidade, com que o talento pôde subir ás mais altas regiões da administração e conquistar o poder na liça parlamentar, aberta a todos os systemas, a todas as condições, a todas as intelligencias de uma nação. É realmente lisongeiro para aquelles, que pressam o talento acima de todas as qualidades, o contemplar como a opinião designa á escolha do soberano e indica nas combinações dos partidos, os nomes dos homens, que se illustraram na vida publica, e para quem as insignias do poder são apenas uma recompensa e não um favor de occasião.

Ha muitos, que julgam que na sociedade, organizada como está, é a fortuna, que decide das posições, o favor que reparte os officios, a predilecção que distribue os papeis no drama social. Segundo elles andam erradas as vocações, esquecidos os talentos, exaltadas as mediocridades, preteridas as virtudes, e desconhecidos os meritos pessoaes. Quantos escriptores ao entrarem na carreira da imprensa, quantos oradores juvenis ao seu primeiro assomo na tribuna, se julgam aggravados pelos seus concidadãos, que os não levantam aos primeiros postos da republica, e não caem reverentes diante das primeiras manifestações do talento, que irradia os seus reflexos matutinos? Quantos aristarcos da presente constituição da sociedade não tem soltado em expro-

bações ferinas a sua vaidade e o seu orgulho, porque sem se darem ao incommodo e ao trabalho, pediram logo desde a sua entrada na vida publica os primeiros logares na governança do paiz!

E comtudo a sociedade não está tão mal constituida como parece. Em Portugal, em toda a parte do mundo, a porta das grandes dignidades e dos elevados cargos publicos, está patente aos notaveis talentos que se illustram pela probidade e pelo trabalho. O seculo actual tem pago generosamente á intelligencia a divida, que deixaram em aberto a brutesa e a ingratição dos seculos passados. Ha dois ou tres seculos Tasso podia ter um hospital por capitolio do seu genio; Camões a miseria por diadema; Galileu o carcere por apothéose. Ha dois ou tres seculos a ignorancia podia vencer o talento nas justas, em que o juiz era o favor ou o nascimento. Hoje não é felizmente assim. O talento ainda mesmo o que nasce da origem mais humilde, póde ascender ás mais eminentes posições e dominar com o prestigio da idéa e da palavra, as potencias decaidas, que outr'ora governaram despoticamente a sociedade.

Ainda as mediocridades se elevam, é verdade. Ainda a intriga vae adiante de muitas falsas reputações para lhes entregar as chaves do poder. Ainda as más paixões atapetam e tornam facil o caminho a alguns homens sem merecimento, a quem a fortuna perfilhou. Ainda a ignorancia está muitas vezes do alto das cadeiras curues assoberbando a sciencia verdadeira e modesta, relegada para as mais humildes funcções da sociedade. Mas se o acaso ainda tem a sua parte na distribuição dos cargos eminentes, o merecimento incontestavel tambem tomou logar na chancellaria, e pede algumas vezes os sélos publicos para authenticar os diplomas, com que vae condecorar os seus predilectos. A justiça e o favor celebraram concordata para o provimento dos officios e para a distribuição das recompensas. O favor eleva ainda os seus filhos mais mimosos. Mas a justiça alcança logar honrado para os que o talento recommenda á admiração ou ao respeito do paiz.

A sociedade não póde impedir que se eleve ás primeiras dignidades a ignorancia, que adula, a mediania, que intriga, o servilismo, que rasteja, a incoherencia, que muda todos os dias as cores e as divisas de sua bandeira, o cynismo que tem sorrisos complacentes para todas as degradações dos poderosos e sobrecechos austeros para todos os infortunios dos humildes. A escada tortuosa e impura, que leva do nada ao poder, ainda a sociedade a não poude, nem poderá talvez nunca inteiramente derrocar. Mas alarga-se, e exorna-se cada dia o caminho, ou-

tr'ora difficil, que conduz a honestidade intelligente, o talento probo e activo até ás mais eminentes estações da gerarchia official. A sociedade não tem força ainda para suster os máos, quando levam á escala vista a cidadella do poder, mas está sufficientemente morigerada e culta para não impedir os bons de chegarem ao logar, aonde o merecimento ou a virtude os convidou.

O direito divino d'este seculo é o talento. E que realesa mais eminente, que realesa mais de Deus do que esta, cujo diadema é a luz esplendida e eterna, que emana da suprema intelligencia? Deos privilegiando alguns homens com o talento, que se distingue do commum, attribue-lhes sem duvida na sociedade uma funcção mais qualificada e mais nobre do que ao vulgo das vocações. Mas esta superioridade não humilha nem avassalla ninguém. É uma aristocracia, que se exerce em beneficio de todos, porque é da essencia da idéa e da palavra o tornar-se patrimonio universál. O morgado, que esta nobresa funda, não é para si. Disfructa-o a humanidade inteira. Os talentos eminentes não são mais do que os grandes repositorios, em que a Providencia reúne as idéas generosas para as fazer cair d'ali em torrentes, que levam a todos os pontos da sociedade os fructos de uma nova civilisação.

É pelo direito do talento que José Maria do Casal Ribeiro toma hoje logar nos conselhos da corôa, e dirige n'uma das mais difficéis e enredadas repartições a alta administração do nosso paiz.

Nomeado ministro da fazenda pelo soberano, já de ha muito andava pela opinião designado e eleito para tão difficil e tão honrosa commissão. Antes que o decreto real lhe viesse conferir a effectividade do officio, já ellè cómo que gosava d'estas honras publicas, que consistem em ter merecido um cargo pelo voto dos seus concidadãos.

José Maria do Casal Ribeiro é um d'estes homens, a quem a natureza fadou para o tracto dos negocios publicos, destinando-o a figurar principalmente nas épocas normaes, em que é preciso fallar antes á rasão publica do que á imaginação popular, em que é necessario antes consolidar as grandes reformas pela execução do que traçal-as nos seus primeiros lineamentos. A sua faculdade preeminente é o juizo recto e seguro, com que aprecia as questões da administração e da economia. O que a meditação discerniu e formulou, expressa-o uma palavra fluente e correctá, que prende mais pela nervosa concisão do raciocinio do que pela asiatica profusão dos ornatos e arabescos de um estylo phantasiOSO.

Os grandes talentos não apparecem improvisamente na scena publica, Denuncia-os quasi desde o berço a natureza, e a natu-

tureza os vae seguindo e robustecendo, levando-os por successivas gradações até aos maiores esplendores do entendimento. Desde os mais tenros annos poderia um mediano observador, reconhecer no que é hoje ministro da fazenda, os dotes intellectuaes que enriquecidos e cultivados pelo estudo lhe valeram a sympathia e o respeito de todos os apreciadores imparciaes.

Na universidade de Coimbra, onde se graduou em direito, mostrou sempre pela sua applicação methodica aos estudos que seguia, pelo brillantismo das suas licções e mais actos academicos, que não cursava ali um estudante vulgar d'aquelles, cuja gloriola ephemera tem por extremo capitolio a sala dos capellos. Era então a quadra pouco apropriada a estudos graves e seguidos. As turbações civis traziam os animos inquietos e revoltos. E a terra, onde em maior numero se congrega a mocidade estudiosa, não era a menos visitada das commoções populares, que por tantos annos fizeram da guerra civil, ora aberta, ora lãtente, o estado permanente do paiz.

É o estudo do direito a maior provação a que póde sujeitar-se um espirito superior e lucido. A jurisprudencia, que se póde chamar classica, e que tem sempre em maior grão dominado nas escolas, é como que uma religião supersticiosa e intolerante, que assoberba o raciocinio pela argucia, e atormenta a sociedade moderna no potro archeologico das formulas romanas. Para o jurisconsulto fanatico a sociedade não póde desenvolver-se e transformar-se senão até onde lh'o consentem as constituições imperiaes, e quando muito as glossas de Bartholo e de Acursio. O mundo moderno é para elle apenas uma colonia romana, que não póde sem manifesta rebellião e lesa magestade, eleger novas condições leaes, accomodadas á civilisação, em que progride.

O direito, como sciencia de factos e tradições, enclausura na letra gelada das Pandectas os espiritos vulgares. E o talento, que percorreu os cinco annos do curso juridico, sem desluzir a sua elevação, sem perder a claridade, sem tornar monotona a locução e pesadamente sentenciosa a eloquencia, póde pedir as honras, que se decretam ás capacidades eminentes, porque safu incolume d'este escolho aonde tem naufragado tantos entendimentos aproveitaveis.

Casal Ribeiro safu com as honras e com os meritos de alumno distincto, e trazendo das escolas de Coimbra a erudição juridica, que póde ser util no governo e na reformação da sociedade, despresou toda esta sciencia perigosa e reaccionaria, que manda enfundar a humanidade ao direito romano, e respeitar os praxis-

las como oráculos do mundo. A similhaça de Montesquieu, e dos juriconsultos pensadores, acceitou do direito escripto o que elle encerra de exemplo e de illustração, e concedeu desde os seus primeiros annos á rasão e ao progresso a suprema faculdade de subordinar as leis ás necessidades publicas, e de adaptar a jurisprudencia á diversidade e á successão das phases sociaes.

Já durante a sua carreira universitaria, tivera multiplicadas occasiões de demonstrar a sua vocação para a vida publica e a sua devoção pela liberdade e civilisação do seu paiz. Fervoroso e enthuasiasta, como todos os mancebos de talento, as discordias civis contaram-n'o como soldado popular desde os primeiros annos da sua adolescencia, seguindo sempre o bando, que defendia as justas liberdades e franquesas da nação. Aspirando sem duvida, pela confiança do talento, a desempenhar um dia as mais elevadas magistraturas no seu paiz; adestrou-se desde mui joven na escola politica — infeliz, mas necessaria escola — que dissensões lastimosas, mas fataes, abriam ao civismo da juventude liberal.

Desde a conclusão dos seus estudos até á época politica, que se chamou a *Regeneração*, o seu talento não esteve ocioso nem a sua reputação escureceu. Restituído a Lisboa, as suas eminentes qualidades intellectuaes denunciaram-n'o logo a todos como um d'aquelles, que mais depressa chegariam á influencia e ao poder. Era já notoria a agudesa do seu espirito, a penetração do seu juizo, a frequencia com que versava os bons livros, que iniciam nas sciencias difficeis do governo, a elegancia e facilidade dos seus escriptos, e a influencia e lucidez, com que orava nos assumptos, em que lhe cabia discorrer.

Accresciam a tão preciosos attributos da intelligencia, qualidades do animo, que servem para completar o homem publico. A vivacidade era temperada pela descripção, a facilidade da palavra pela maduresa do juizo. Era activo, energico, resolutivo, difficil em formular opinião, pertinaz e intractavel em a defender, depois de formulada. Era igualmente feito para as laboriosas e pacientes investigações de gabinete, para as agitações da tribuna, para a polemica parlamentar ardente e estrepitosa, e para a controversia pausada e fria das sciencias economicas.

As eleições de 1851 levaram Casal Ribeiro á camara dos deputados, na primeira legislatura da *Regeneração*. Chegado ao parlamento, achou-se em face com as mais illustres reputações politicas do paiz, e viu diante de si uma arena, aonde exercitar os seus talentos. A camara tinha de julgar uma situação manifestamente revolucionaria. Os interesses politicos dividiam e retalhavam em parcialidades a assembléa. A fazenda publica chegára a este es-

tado, em que só a violencia dos expedientes póde conjurar o perigo e affastar para longe a bancarota. Casal Ribeiro estreou as duas armas de estadistas orando sobre as questões financeiras, que agitavam a camara n'aquelles tempos, e que trouxeram como consequencia justificada a sua dissolução. Antes d'aquelles debates memoraveis, fizera ouvir pela primeira vez a sua palavra, na discussão do acto addicional.

A primeira vez que um homem, novo, inexperiente e orgulhoso se approxima da tribuna para tentar os primeiros vóos, é um momento solemne da vida, e um horoscopo quasi infallivel de bons ou máos destinos. Quando uma favoravel reputação precede o orador e o recommenda, antes á expectação do que á benevolencia da assembléa, a tribuna é uma provação, que entibia os mais ousados.

Imaginae uma grande assembléa. Os seus membros arregimentados ordenadamente nas bancadas. Nas galerias a multidão curiosa e implacavel, que desdenha quasi a gravidade dos negocios para exigir um espectáculo, e que espera anciosa não um estadista, mas apenas um actor. No auditorio os amigos que exaggeram as faculdades do orador: os inimigos e os invejosos, que prophetisam uma catastrophe; os indifferentes, que esperam para julgar mais propensos á severidade que á brandura. Diante de vós os tachigraphos, cujas pennas vellozes são o daguerreotypo da palavra, e impassiveis e machinaes, como a camara obscura, imprimirão no papel o retrato da vossa belléza ou da vossa fealdade intellectual. Involvei toda esta scena em uma atmospherá de paixões politicas, porqué estaes n'um parlamento e não n'uma academia. Dividi a assembléa em dois bandos, um dos quaes vos chamará hereje a cada uma das vossas preposições, um dos quaes vos interromperá a cada instante, e sorrirá ironico, em quanto a vossa eloquencia se desprende nos vóos mais ousados, e negará a vossa sciencia, se sois sabio, a vossa facundia se sois discreto, o vossa engenho se sois primoroso no dizer; que vos chamará vão, quando fordes imaginoso, asiatico se fordes florido, e affectado, se á linguagem barbara e mestiça dos falladores vulgares substituiredes a dicção casta e vernacula do sonoro e opulento idioma portuguez.

Agora collocae ainda adiante do orador o mais severo e o mais complacente dos seus juizes, a imprensa quotidiana; dae-lhe por julgador a imprensa politica, que povóá de Ciceros o seu lado na camara, e proscreeve o talento do lado contrario; que vé Cursos desinteressados nas bancadas da sua parcialidade, e traidores, prestes a jogarem a sua patria, nas cadeiras dos seus

adversarios. Esperae que o jornal que vos é adverso, diga amanhã que fostes infeliz e ôco no vosso argumentar, e que vos derrotou triumphantemente o pobre idiota, que a ordem da inscripção levou a tartamudear vulgaridades e solecismos em seguida á vossa oração parlamentar.

Com estas innumeraveis difficuldades, a tribuna é para os grandes talentos ou para os pobres de espirito. Os talentos triumpham da parcialidade dos contrarios, das interrupções dos impertinentes, das criticas dos analphabetos, das excommunhões dos jornalistas, porque recebem da opinião, que vale mais que todos elles, a sancção authentica da sua vocação parlamentar. Os pobres de espirito, que declaram a grammatica ministerial, quando estão na opposição, á falta de auditorio, tem as proprias orelhas, com que se delicias e se escutam, á falta de gloria tem a sua propria opinião, e nunca falta um periodista amigo e misericordioso, que prostituirá a solemnidade do seu officio para louvar um idiota ou canonisar um imbecil.

Das primeiras empresas parlamentares safu logo vencedor o novo deputado Casal Ribeiro. As suãs opiniões eram citadas com auctoridade em assumptos, de que só os financeiros jubilados se julgavam com direito a discursar. É este o signal e o caracter do talento eminente. Quando sae pela primeira vez a uma empresa, logo a assignala por um triumpho. Na guerra é Napoleão, que se revela aos primeiros assomos general. E Pitt e Robert Peel que da altura da tribuna, avassallam e conquistam desde a primeira oração, os bancos dos ministros. E ninguem ousa contestar a aspiração prophetica e arrogante da ambição, que apresenta ás multidões o talento por diploma.

A breve legislatura de 1851 foi notavel pela gravidade das questões, que no parlamento se debateram. O acto addicional á carta, a situação financeira do paiz, foram os dois grandes assumptos, sobre que versaram os debates mais seguidos ou mais tempestuosos. Na discussão do acto addicional fez a sua estreia o actual ministro da fazenda, e o deputado juvenil, apparecendo logo desde a sua primeira batalha parlamentar um adestrado luctador, justificou pela profundidade das suas idéas, pela firmeza dos seus juizos, pela sagacidade da sua dialectica, e pela facilidade e correccão da sua palavra, o vaticinio unanime, que o designava por um dos mais honrosos ornamentos da tribuna portugueza.

A fazenda publica estava confundida e enredada por tal fórma, ao começar a *Regeneração*, que o seu immediato melhoramento era a primeira condição de um governo, que aspirasse a

ser possível, e, na dissonancia e variedade dos pareceres, só eram quasi unisonas as vozes dos partidos em confessar o desbaratô da fazenda e em estremecer diante dos perigos eminentes da bancarota, desfecho, que parecia inevitavel a esta serie de expedientes ruinosos, que haviam desde a restauração illudido e palliado a penuria crescente do thesouro.

A historia da fazenda em Portugal era até então, de feito, a historia de todos os erros, de todos os vicios, de todos os desleixos, de todas as imprevidencias, e de todas as paixões reprehensiveis, que podem affligir e emmaranhar as finanças mais robustas e arriscar o erario mais poderoso. N'esta successão de achaques publicos e de remedios illusorios ou fraudulentos, todos os partidos tinham em boa consciencia, o seu quinhão de responsabilidade, e a sua nota de culpa perante o juizo imparcial.

As finanças da monarchia absoluta eram deploraveis desde muitos annos no paiz. O thesouro publico era a testemunha mais eloquente contra as fabuladas virtudes economicas do antigo regime em Portugal, que não fôra mais favorecido n'este ponto do que todas as velhas monarchias. A guerra civil, que por cinco annos retalhou as entranhas da nação, viera exacerbar as angustias de um erario empobrecido pela prodigalidade dos soberanos e pela decadencia progressiva da riqueza nacional. Dois exercitos, que vivem por tantos annos, levantando gente, e contribuições, pactuam no fim as condições da paz sobre o cadaver do paiz. Em quanto as victorias das armas constitucionaes acclamavam um principio novo e generoso, e abriam o sepulchro de uma antiga e viciosa instituição, iam onerando o futuro com um encargo, cuja perspectiva medonha, desapparecendo no fumo das batalhas, os animos fascinados pela liberdade mal podiam n'aquelles instantes perceber. A gloria foi sempre uma custosa mercadoria. E o absolutismo, similhante aos reis de certas tribus africanas, sepulta-se em toda a parte, enterrando comsigo no sarcophago a riqueza de muitas gerações.

A liberdade custou ainda mais cara do que as exequias do absolutismo. Não admira que assim acontecesse. Em toda a parte a alforria popular é dispendiosa. N'este processo em que o povo pleiteia os seus fóros contra os seus dominadores, é do seu sangue e da sua fazenda que saem as custas do letigio.

Em Portugal foi assim tambem. O imperador viera conquistar a patria, sem que tivesse thesouro, e encerrado dentro dos muros do Porto, teve por muito tempo soldados e martyres antes de achar contribuintes no paiz. Da ilha Terceira, donde a expedição aventureira havia partido, não podia trazer pecu-

lio. Para alimentar a guerra não havia outra maneira senão empenhar o futuro em empréstimos, que, apesar de usurarios na apparencia, eram nas condições dos contrahentes, uma generosidade magnanima e arriscada nos banqueiros, que se prestavam a fazel-os. Todas as clausulas eram accitaveis para quem, estreitado pelas oitenta mil baionetas do absolutismo, e pelos cem conhões das suas baterias de sitio, não tinha accordo nem conjuntura para estar confrontando algarismos e abrindo praça legal e economica para os empréstimos da gueraa.

Quando a guerra terminou, houve como ha sempre depois de uma grande batalha vencida, os regosijos da victoria e os enthusiasmos do triumpho. Mas o spectaculo era afflictivo. Era acabado o officio do soldado. Começava o encargo do estadista. Ora em Portugal sempre foi mais facil achar soldados animosos do que estadistas eminentes.

A liberdade estava plantada no paiz. Mas que lastimoso cortejo lhe fazia as honras no seu ingresso triumphal. Cinco annos de guerra, quer dizer, cinco annos de ocio para o trabalho util, cinco annos de campos talados, de povoações incendiadas, de industrias entorpecidas, cinco annos, em que uma guerra de exterminio sorvéra, com a sua proverbial voracidade a riqueza de muitas gerações futuras. O systema tributario da antiga monarchia, abolido pelas novas instituições, déra um golpe fundissimo nos recursos do thesouro. A divida publica subira de repente a proporções collossaes e ameaçadoras. As receitas do estado haviam baixado, as necessidades de uma nova civilisação haviam subido e reclamavam, como era de rasão, despezas consideravelmente superiores ás da velha monarchia. A divida nacional engolia uma grossa verba dos dinheiros publicos. O paiz, sangrado pela guerra, fugia diante do exactor, que lhe pedia a medo o mais que nunca amargo sacrificio do tributo.

As difficuldades inevitaveis, que da guerra se haviam originado para o thesouro, acrescaram os encargos da má administração. O credito continuou a ser a fonte principal dos recursos publicos, e a divida cresceu notavelmente nos dois primeiros annos depois da restauração. Os homens de estado, que haviam sido excellentes para improvisar os recursos da guerra, eram inhabeis para recompor e organizar as finanças da paz. Perderam-se dois annos sem que nenhum dos homens de governo, nos ministerios que succediam no paiz, pensasse em reparar os danos da guerra civil e em reslituir ás finanças, esterilizadas pela revolução, a liberdade com que bastassem ao menos ás necessidades quotidianas do serviço publico.

O deficit crescente, *la carte à payer des révolutions*, na phrase pitoresca de Léon Faucher, ia sendo legado pelos governos, que expiravam aos governos que succediam. A revolução de selembro viveu de expedientes e de operações paliativas. O thesouro era um enfermo, condemnado a servir de paciente ás experiencias da ignorancia e da mais desastrosa economia. Sobre os appositos, firmados pela mão inesperta dos estadistas, que precediam, adaptavam-se os apparatus, ideados pela ignorancia dos novos reformadores, e os charlatães, fraudulentos alguns d'elles, muitos outros de boa fé, evitavam expor aos olhos do paiz a ferida que roia as finanças da nação. A agiotagem servia e engrossava com todos os regimes. Com os maliciosos pactuava, aos innocentes illudia, e sempre realmente dominante em todas as situações, ora aristocratica e mal vista, ora plebéa e bem aceita, explorava a mina quasi exhausta do thesouro, invocando agora o throno e a carta, logo a revolução e a democracia. Inimigo multiforme e astucioso, que ora apparecia á cabeceira dos ministros segredando-lhe uma operação mixta, ora aconselhando-lhe um emprestimo ruinoso, e cavando indolente e descuidado na eminente bancarota, o tumulto das suas interesseiras prosperidades e das suas desalmadas especulações.

A regeneração, ao cabo de tantos annos de anarchia financeira, achava accumulados os erros dos seus antecessores.

Satisfazer aos servidores do estado os modestos honorarios das suas funcções era uma obrigação, fraudada pelos governos, que, sem força para tentar um golpe revolucionario, mas fatal, iam vasar indirectamente na bolsa da agiotagem, os salarios já cruelmente cerceados dos funcionarios publicos. A divida sempre crescente pesava dobradamente no thesouro nacional, pela somma do capital, e pelos juros accumulados, que iam escrevendo de anno para anno em algarismos cada vez mais lastimosos o descredito financeiro do paiz. As receitas publicas, confiadas a uma administração sem coragem e sem principios de governo, mal bastavam a acudir ás necessidades mais urgentes do serviço, e ainda assim a fome chegava muitos vezes de rastos ao contador da agiotagem para lhe supplicar o pão escasso, repartido pela usura mais ferina.

Era precisa uma pausa de tantos desacertos. Era preciso que todos expiassem com a sua quota de sacrificios os erros das administrações, que haviam precedido. Era necessario que o thesouro não só pagasse os encargos do serviço ordinario, senão que se habilitasse a tentar as obras e as empresas, que a civilização estava pedindo pelas vozes repetidas e clamorosas da opinião.

A questão de fazenda era a questão fundamental do governo, ao começar a regeneração. Os homens publicos, que de novo entravam na scena politica, achavam naturalmente por assumpto obrigado das suas meditações e dos seus estudos, a questão da fazenda, e os problemas de fomento publico, intimamente com ella relacionados.

Casal Ribeiro, espirito reflexivo, estudioso, positivo e practico, revelou n'estas circumstancias, as suas predilecções especiaes. Ha no estudo das finanças duas faces distinctas, que separadas inteiramente deixam as questões por desatar; a sciencia dos factos, das *cifras*, como por um absurdo e desnecessario gallicismo, se alcunha, com ares de ostentação scientifica, o que toda a gente appellida chãmente algarismos ou numeros, no vocabulario trivial; e a sciencia dos principios e das theorias, porque se governa racional e progressivamente a fazenda de uma nação.

Até á regeneração, a sciencia dos factos, considerados materialmente, tinha absorvido as attenções dos financeiros e dado a reputação a muitos homens encanecidos no esteril xadrez dos orçamentos. Citavam-se os estadistas mais peritos em dispor artisticamente as verbas, em simular receitas, em disfarçar despezas, e em offerecer com apparente certesa de um calculo infallivel, um saldo lisongeiro, contra o qual protestava o *deficit* mais tangivel, sem que os profanos podessem comtudo demonstrar racionalmente a sua deploravel existencia, attestada pela debitidade do thesouro. Os equilibristas mantinham entre os credulos o seu renome de peritos. Triste e delusoria sciencia, que merecia, talvez, como erudição arithmetica, as honras academicas, mas que á semilhança dos doutores eruditos da comedia, deixava morrer o doente asphyxiado n'uma atmospherá de esteril erudição.

Com a regeneração as finanças enlaçaram-se mais intimamente com os estudos da economia politica. Desde 1848 a escola economica engrossára na Europa as suas phalanges para resistir compacta e fortalecida ás invasões audazes, com que as seitas socialistas atacavam, com o prestigio da novidade, com a desesperança da miseria, com o talento sympathico da innovação, as velhas bases da sociedade. Da revolução franceza datam muitos dos mais brilhantes escriptores da economia politica, e os livros e opusculos de Bastiat, de Léon Faucher, de Dupuynode e de Garnier, de Blanqui, de Chevalier, de Coquelin, de Rossi, e de Wollowsky, dos eloquentes e discretos collaboradores do *Jornal dos Economistas* irrompiam em toda a parte na Europa, seguindo os dogmatistas do socialismo, para os contradizer e refutar.

A economia politica saíu em Portugal das aulas, onde vivia lon-

ge das agitações da vida política, para entrar nas assembleas, em que se debatiam os grandes interesses da nação, e para os illucidar na imprensa, onde então começaram a figurar com distincção alguns dos mais brilhantes escriptores.

Casal Ribeiro foi d'entre os mancebos, o que mais copiosa e esmerada erudição economica trazia do gabinete ás controversias da tribuna. Versando meditamente as theorias dos bons economistas não desdenhára a compulsar os documentos financeiros do paiz e decifrar nos seus emmaranhados commentarios os praxistas da fazenda nacional.

Reunia á sciencia theorica a investigação laboriosa dos factos. E seguindo os bons exemplos de Faucher, de Tegoborski, de Jacob, de Rossi e de Audiffret, apparecia na tribuna para, desprendido de todos os velhos preconceitos, mostrar aos antigos financeiros, que são os numeros os que devem obedecer á rasão, e não a sciencia que deve reconhecer o despotismo brutal dos algarismos.

O que Fontes adevinhára mais pela inspiração do homem de estado que pelo estudo do economista, o que elle aprendêra na escola practica da necessidade, esclarecido pelo instincto do talento superior, Casal Ribeiro aprendêra-o na successão methodica dos estudos de gabinete.

Voltando á camara dos deputados na legislatura de 1852, depois de dissolvido o primeiro parlamento da regeneração, o joven deputado por Lisboa, emparelhou na tribuna, nos assumptos da fazenda, com o resolutio ministro, que então dirigia os negocios do thesouro. A sua auctoridade nos assumptos da fazenda foi crescendo de dia para dia e indicou-lhe naturalmente o posto eminente que devia occupar no primeiro ministerio, de que os seus amigos politicos o convidassem a formar parte.

Com a queda da regeneração, Casal Ribeiro deu a conhecer uma face do seu talento, que a sua condição de ministerial, lhe não havia deixado manifestar em toda a sua brilhante lucidez.

Enviado por um dos circulos de Lisboa nas eleições de 1856 a tomar logar nos bancos da opposição ao ministerio presidido pelo marquez de Loulé, a camara e o paiz puderam admirar a fecundidade dos recursos, com que Casal Ribeiro servia os interesses publicos da causa, que abraçava, e o gabinete temeu sempre no deputado por Lisboa um dos mais valentes adversarios, com quem tinha de conservar-se constantemente em precatada defensiva nas luctas parlamentares. Como opposicionista a sua palavra foi sempre energica, mas decorosa, e a camara respeitando o talento ennobrecido pela gravidade, honrou sempre na attenção, com que

o escutava, o merito superior de que deu sempre as provas mais brilhantes. Mais de uma vez o deputado por Lisboa, corrigindo os erros do gabinete nas mais graves questões de fazenda publica, fez vacillar os espiritos mais addictos ao ministerio, que oppugnava, vencendo na discussão os homens que com maior auctoridade influíam na maioria, pela sua cathegoria, pela sua reputação, e pela practica de largos annos, nos exercicios do ministerio e da tribuna.

Casal Ribeiro tem como orador o mesmo defeito de Thiers. É pequeno de vulto; mas resgata bem pela claresa do seu orgão, pela compostura da attitude, pela energica accentuação da sua palavra, o que a natureza lhe negou nas proporções da estatura. Quando começa a orar, um espectador estranho á sua reputação, enganar-se-fa no seu juizo a avalial-o pelas primeiras palavras proferidas. Com a mão no peito, a cabeça antes pendida que arrogante, as frases saem-lhe destacadas, com a gravidade solemne de quem está meditando o que profere. Pouco a pouco a voz toma corpo, o periodo sae-lhe esmerado e fluente, o *Deus in nobis* manifesta o seu dominio pelos reflexos, com que o talento resplandece na fronte, e se a paixão vem illuminar e aquecer os pausados raciocinios, em que é sempre eminente, a oração rasga os vãos da verdadeira eloquencia e deixa no auditorio a impressão da palavra que ao mesmo tempo vence a rasão pelo pensamento, e deleita pelo ornato a phantasia. No debate da questão *Charles et George* o juizo publico appreciou como um dos mais notaveis e bellos discursos o de Casal Ribeiro.

A sua eloquencia sem ser do genero grandioso e poetico, é comtudo correcta, sem affectação, e sem adornos exaggerados e superfluas sumptuosidades. A pausa, com que falla ordinariamente, para seguir os movimentos da reflexão, deixa-lhe tempo para modelar e compor a frase sem as incorrecções, que se observam nos oradores incitados pela imaginação e dominados pelo estro do improviso. Na replica extemporanea é sempre feliz, e o adversario que lhe lega a palavra na ordem da inscripção, não póde contar com um triumpho facil para as suas rasões ou para as suas invectivas.

São raros os homens de estado, que saibam alliar em Portugal a palavra oral e a palavra escripta. A maior parte dos ministros teem sido sempre na nossa terra homens, que não primavam pela facilidade e elegancia no escrever. Casal Ribeiro, demonstrou como jornalista, collaborando na *Civilisação*, os poderosos recursos, de que podia dispor se, vedando-lhe a palavra na tribuna, tivesse de vir combater os seus adversarios

n'esta arena mais vasta e menos ceremoniosa da publica opinião.

Crê-se vulgarmente que as suas faculdades o chamam antes á discussão do raciocínio do que ás expansões do sentimento e da paixão na imprensa e no parlamento. A face mais brilhante e mais visível do seu talento é sem duvida o raciocínio. Mas a contemplação dos algarismos, e o estudo dos factos economicos não murcharam na sua intelligencia a phantasia, com que elle se inscreveu nos seus annos juvenis entre os cultores da poesia amena.

Os seus primeiros escriptos foram na ordem politica alguns pamphletos, notaveis pelo incisivo e nervoso da frase, e pela exaltação, desculpavel nos poucos annos, com que mancebos de engenho ousam, ao experimentar as suas armas litterarias, rep- tar a sociedade em peso, e saudar como a alvorada de uma nova civilisação, a luz mentirosa das doutrinas socialistas.

A vocação politica, que desde os mais verdes annos manifestou Casal Ribeiro, não lhe foi impedimento a que dêsse culto á poesia, em que os talentos bem organizados quasi sempre se deleitam, ao tentar os primeiros vôos litterarios. Muitos dos versos, que escreveu, quasi todos elles graves e pouco eivados do erotismo dominante, lhe davam direito a que pedisse logar honrado entre os poetas de melhor toada, e de feliz inspiração, se elle se não comprazesse em buscar antes a sua gloria nas justas ambições do parlamento e do gabinete.

Sem ser um genio, Casal Ribeiro é um d'estes talentos proveitosos e fecundos, que tem em si os recursos para a propria reputação e para o progresso e reformação do seu paiz. Na tribuna não lhe sorri a imaginação com o mesmo extremoso carinho, com que ella offerece prodiga a palheta do mais vigoroso colorido a José Estevão, ou a Rebello da Silva, que repartem hoje entre si, ainda que em diversas provincias, o principado da eloquencia parlamentar. Os seus quadros não são grandiosos, o seu desenho primoroso, as suas tintas deslumbrantes. Mas os seus discursos sem serem um exemplar de eloquencia antiga, não envergonham os bons modélos da facundia, usada no tracto dos negocios positivos e habituaes de uma nação.

Chegado ha pouco á direcção das coisas publicas, o horoscopo dos seus destinos politicos é para elle, como para todos os homens de estado, difficil de tirar com segurança. A arte de governar exige condições, que parecem á primeira vista incompativeis. N'ella, como na sciencia da guerra, os principios geraes tem de ser modificados por mil circumstancias difficeis de prever. Ha de o homem de estado saber as sciencias puras e phi-

losophicas do governo, os exemplos dos paizes melhor administrados, a historia politica das nações mais cultas, os vícios e abusões administrativas e economicas do seu paiz, conhecer a fundo os seus recursos e possibilidades, avaliar as suas condições especiaes, ter o instincto com que se aprecia a opportunidade das medidas, a discrição com que se favorece a transacção dos interesses antagonistas, a prudencia com que se addia, a audacia com que se intenta, a timidez com que ás vezes se dissimula, e a temeridade com que nos grandes lances se confia em parte da fortuna o exito das empresas arriscadas.

Na vida parlamentar estuda-se o homem, que julga as acções politicas dos outros, amigos ou adversarios. Mas a tribuna, que revela o orador, levanta apenas metade do véo, que encobre o estadista. A tribuna patenteia o talento; só o gabinete denuncia o tacto de governar. Na duplice manifestação da actividade politica, — a palavra e a acção, — a acção retrata o ministro, a palavra apenas o orador.

Abril — 1859.

J. M. LATINO COELHO.

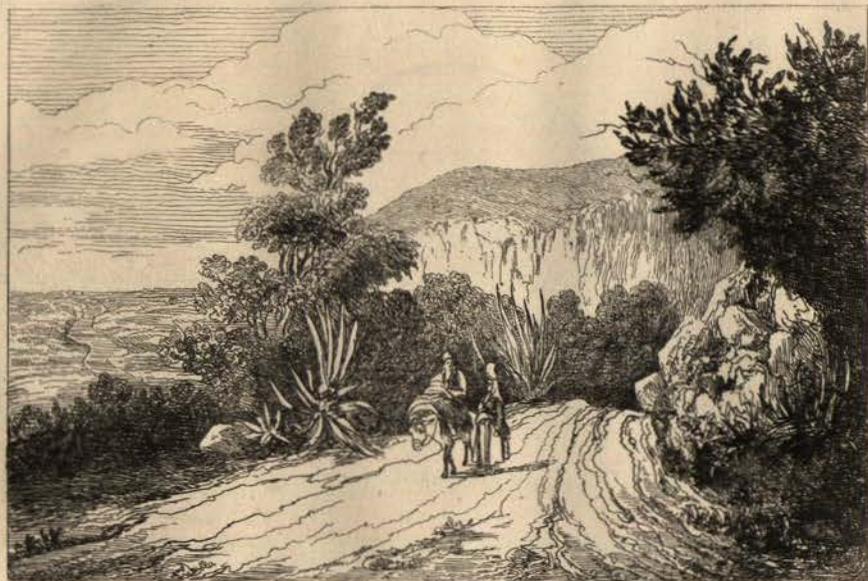
BOSQUEJOS CRITICOS

INTRODUÇÃO.

A critica, em Portugal, tem ainda graves prevenções contra si, e o motivo d'estas prevenções nasce todo do máo uso que se tem feito de uma das mais nobres e proveitosas funcções da rasão illustrada.

Entre nós não existe de certo o genero de critica venal, que um notavel escriptor francez desenha com traços tão característicos e epigrammaticos; critica que abre simultaneamente bazar de apothéoses e libellos na praça publica; que fustiga ou exalta o merito com a mesma superficialidade de exame, com igual elasticidade de consciencia com que corre a mostrar-se em todos os pontos onde julgue que deve erguer taboleta da sua importancia; que despresa, desdenhosa e insolente, as vocações nascentes, embora promettedoras de um porvir brilhante, e se curva, bajuladora e servil, ante as reputações feitas, e ainda mais, ante as falsas realezas erguidas nos escudos da admiração convencional; critica que não lê, que não aprofunda, que tem como desnecessario estudar longo tempo para assentar n'um alvitre, ou para fundamentar uma censura; que receia espediçar as faculdades mentaes na reflexão e na analyse, e que por isso avalia os livros, não pelas suas qualidades litterarias, não pela magnitude e elevação de suas idéas e pela utilidade de sua concepção, mas pela preponderancia social do seu auctor, pelas rasões de probabilidade de uma recompensa, pelos motivos de antipathia ou affecto que o recommendem á sua consideração pessoal.





Annuncio del Post e Grav.

Stampe del Campese.

Este genero de critica — com ufania o dizemos — não apparece n'esta terra, senão por excepção. É planta exotica que não vegeta desafogada com as condições do nosso sólo e influencias climatericas, e que, quando consegue brotar, a sua germinação não alcança larga área, porque a severidade da atmospherica que a rodeia a define e enfeza antes que logre florescer e fructificar.

Mas se não existe entre nós esta especie de critica, existe outra que, sem ser tão indigna e aviltadora das superiores faculdades que elevam o homem á maior altura da sua intelligencia, se torna, contudo, quasi tão nociva como a primeira, porque é igualmente injusta. Esta critica é a critica de camarilha, a critica de predilecção, a quasi geral entre os nossos escriptores; critica que se restringe a um circulo acanhado e comésinho, e que fórma um mundo seu e especial dos elementos da sua estima, das ligações da sua intimidade, das tendencias da sua sympathia; e que não vê nem sonha nada de notavel, nem sequer de esperançoso além dos horisontes d'esse mundo creado pelos habitos da conveniencia ou pelos laços da amizade; que não escuta, que não distingue sequer um ecco sympathico ou uma nota harmoniosa fóra d'essa orchestra de amigos e predilectos que executam alternamente a musica uns dos outros, e se applaudem reciprocamente dentro das eminencias que ergue a sua imaginação, as quaes os tem como circumscriptos a uma existencia convencional, dentro de cujos limites suppõe subsistir, resplandecente de gloria, o universo inteiro.

Um tal genero de critica, genero a que algum espirito epigrammatico, a exemplo de deputado provinciano que comprehenda só o paiz dentro das necessidades da sua aldeia, chamará critica de *campanario*, e a que nós nos obstinaremos em chamar critica de predilecção, um tal genero de critica produz os mais damnosos e deploraveis resultados.

A verdadeira critica é mister que seja não só illustrada mas proba, e assim realisada falta a estas duas condições essenciaes da sua natureza. A critica deve obedecer a um pensamento mais fecundo e nobre do que ás pequenissimas considerações de individuo para individuo, que se perdem de vista olhadas da altura donde unicamente se podem abranger os grandes quadros do progresso intellectual. A verdade, a idéa, o exemplo que a critica procura n'um livro não devem pertencer a nenhuma outra ordem d'estas considerações; este exemplo, esta verdade e esta idéa devem resumir grandes e valiosas theses de illustração ou de moralidade, que seja facil a todos os individuos negar ou reconhecer, examinando-as segundo as regras eternas do bello, e os nobres e puros dictames do coração humano.

Verdade é que a critica entre nós pecca n'estes excessos por igno-

rancia ; mas, n'este caso, deixa de ser critica e é apenas uma opinião proclamada com mais ou menos pretensão, porque a verdadeira critica, isto é, o accordo harmonioso e esclarecido da intelligencia com as impressões vivas do bello, subentende-se sempre por uma alta rasão analytica.

Mas a reunião d'estes dotes não é facil nem trivial ; e a necessidade de apparentar de aristarcho diante dos talentos humildes e de thuribulario no templo dos simideuses das letras, é sentida por muito animo obscuro, que só pisando os pequenos e incensando os grandes consegue ser visto, notado e admittido nos congressos solemnes, onde são promulgados os decretos de importancia litteraria.

Mas o desenvolvimento geral, que vai tendo certa ordem de conhecimentos em Portugal, é que já não tolera esta prepotencia bastarda. O progresso dos nossos talentos requer hoje mais consciencia de exame; exige-o e póde com elle. A critica de selecção, essa critica de *camaraderie*, que — diga-se a verdade — quasi não sáe os muros da capital, porque tem receio de emprehender largas digressões, porque os habitos de uma intimidade, de uma domesticidade quasi patriarchal a obrigam a contentar-se com o que se passa dentro da sua aldeia litteraria e a fazer d'ella a sua Athenas imaginaria, esta critica de selecção dá-nos assim o aspecto pequenino e infantil de um povo ainda em familia; ou, para melhor dizer, transporta as medidas reciprocas e espartilhadas do viver provinciano para as regiões onde deve predominar unicamente a etiqueta da rasão esclarecida.

O chistoso dito de Scribe deve ficar só na sua comedia-satyra. *Nous sommes une douzaine d'amis intimes, qui nous portons, qui nous soutenons, qui nous admirons; une société par admiration mutuelle.* Estes traços epigrammaticos com que com tanto chiste e verdade se retrata a sociedade politica e, até certo ponto, a sociedade dos homens de letras de nossos dias, é uma desauthoração que avilta ainda mais a estes ultimos, do que áquelles; porque a politica, a desprezível Messalina da historia, é de si uma cortesã que não deixa a ninguem isempto da ruindade do seu contacto, uma vez attrahido ao seu cortejo pelo deslumbramento de suas seducções. As consciencias pervertidas que se consagram ao seu culto correm já o seu fado de farejar por todos os campos das theorias e especulações de partido, alcançando aqui um titulo a troco de uma abjecção e mais longe um lucro á custa do tedio de todos, sem que o mundo tome isto muito a peito, nem d'isso se resinta o engrandecimento dos nobres instinctos da humanidade; porque estas nobres faculdades tem em si uma força virtual, uma lei de impulso e progresso, que as faz prevalecer, mais tarde ou mais cedo, apesar de todos os opprobrios que man-

chem a dignidade dos homens e tentem resistir á illustração das sociedades.

Mas com os homens de letras não é assim. O incenso podre dos thuribularios de convenção confrange-lhes os pulmões. Os seus nobres espiritos desfallecem, e sentem amesquinbarem-se-lhes os vãos, tendo de desdobrar as azas n'uma atmosphaera viciada. Carecem de ar livre, do ar mais forte, mais vital e silvestre. É ahí que essas organizações robustecem e se completam. Nos climas temperados do louvor banal, nas estufas abafadiças daslouvaminhas de reciprocidade convencional, o talento não passa de uma especie de sensitiva, que um sôpro mais forte dobra ou cresta. É necessario abandonar este genero de cultivo melindroso e artificial, se quizerem que as nossas letras, fóra e dentro do paiz, possam resistir aos abalos e contrariedades da opinião publica. Só assim se conseguirá que os nossos livros tenham um valor real, e que a censura litteraria seja uma coisa util. Instituir a critica largamente, abrangendo todos os pontos sem predilecção nem antipathia, apoiando-a n'um corpo de doutrina em que o conhecimento das theorias, o exame dos generos, e o estudo dos modêlos não seja um mero apparatus de vã erudição, e isto partindo de um certo fundamento de moralidade, moralidade sem dogmatismo, mas recta, immediata, applicada, conseguir este resultado será de certo um serviço prestado á litteratura, e não só á litteratura senão á sociedade. D'esta sorte o critico tornar-se-ha o vingador e o panegyrista do escriptor distincto.

Ao mesmo tempo que se mostrará o apostolo, o cruzado dos bons principios, e o fiscal das leis do gosto, com o facho da erudição n'uma das mãos e com a outra apontando as veredas dos triumphos legitimos, encaminhará os talentos transviados ou as vocações balbuciantes ás suas mais incontestaveis glorias.

E porque não havemos nós conseguir este resultado? Felizmente ainda contamos espiritos conscienciosos que se não podem amoldar a esta existencia de estufa, e que saltam por de cima dos Pyrinéos a que um certo numero de aristarchos circumscreveu o dominio das letras d'este paiz. E n'essas divagações, a que os levam as necessidades de seus estudos, ou as indagações de uma analyse sincera, teem conhecido que, não só n'esta parte do reino o talento desabroxa e floresce, mas, pelo contrario, que germina e fructifica por todos os pontos onde a meditação e o estudo o desenvolvem e amadurecem, e a censura esclarecida o dirige e proclama.

Nós protestamos—dizemol-o abertamente—contra esta especie de critica, que mais parece a formula obrigatoria de um compromisso de amigos, do que a apreciação justa e leal dos dotes do verdadeiro talento; e é por isto que não duvidamos passar das margens do Tejo

ás ribas do Douro, por que vemos lá meritos apreciaveis, alguns apenas annunciados em ligeiros tentames, bruxeleando ainda em frouxos lampejos, mas outros já com o vigor e individuação de uma phisionomia caracteristica, e já revelada por elevadas concepções, que se recommendam pela idéa e pela fórma. Transporemos essas balizas de convenção e iremos saudar o engenho e a applicação onde os encontremos. Os nomes de Alexandre Braga, de Camillo Castello-Branco, de Soares de Passos, de Novaes, de Pinto Ribeiro e outros que seguem essas veredas de luz que conduzem ás creações sérias, já constituem de certo um empenho para com a critica, que tymbre na imparcialidade de seus juizos, por que d'essa imparcialidade deriva o maior e mais fecundo principio da sua importancia e illustração.

E realmente, como diz Villemain, que outro sentimento mais nobre, depois da honra de produzir bellezas originaes, que outra missão mais proficua nas letras, do que admirar com sinceridade, do que explicar as maravilhas do talento creador, augmentando-lhe assim o circulo das sympathias e perpetuando o nome de seus auctores?!

As obras já publicadas na capital do Minho tem direito a este exame. As produções d'aquella esperançosa cruzada de mancebos, que tão emprehendedora e energica se mostra em suas ambições de um futuro melhor, e que em todos os seus livros inflamma, com o calor vivissimo das grandes e nobres aspirações, os seus mais fugitivos vôos de fantasia, pedem que voltemos para aquelle ponto a attenção, e uma attenção indagadora e escrupulosa. Seria commetter uma injustiça e cair n'uma falta não o fazer. Os homens nunca poderão sentir nada de peor que a paixão da inveja ou da rivalidade mesquinha. Que males d'aqui nos não teem provindo?! Se algumas vezes uma alma altiva, reagindo pelo vigor da sua indignação justa, consegue subir pelo esforço que a devêra abater, quantas vezes outras menos audazes não succumbem, sentindo dobrar-se-lhes as azas diante do desdem de um acolhimento injusto!

O indifferentismo, armado dos seus sarcarmos, e, da mesma sorte, a inveja e a malevolencia, tem annuviado muitos astros, que, mais tarde seriam sóes, se um céo limpo de nuvens e tempestades os deixasse fulgir, quando ainda apenas começavam a descrever o seu gyro no immenso firmamento das idéas.

D'essas grandes injustiças, felizmente, não as temos visto praticar entre nós. Mas-tambem é innegavel que os fructos do talento portuense, na sua maioria, não tem attrahido aquella attenção que mereciam da parte dos criticos da capital. Não será isto indifferença, não será tão pouco desleixo; mas como quer que appellidem o facto, a sua apparencia e consequencias não podem importar senão a injustiça. Aquella parte do paiz é para nós já uma gloria. Assim co-

mo o vigor e anciedade da vida economica e industrial despontam e se diffundem do norte do reino, tambem a effervescencia de toda uma vida litteraria se evidencia para aquellas bandas, e com as suas tendencias e fogo de inspiração, com o seu peculio de sanctas e puras crenças, que são as crenças tradicionaes do amor e gloria do velho Portugal. Como n'um sacrario onde o genio da patria, foragido ante os cataclysmos das discordias civis, corresse a depositar as reliquias e symbolos dos grandes sentimentos nacionaes, assim, nas concepções de muitos d'aquelles mancebos poetas, as suas almas ardentes, apenas mitigadas pela saudade dos nossos bons tempos de gloria ou voando para futuras épocas de perfeição indefinida, evocam do esquecimento os vultos grandiosos da nossa historia e se inspiram dos sentimentos que dão azas de fogo á phantasia.

Estudal-os é um dever. Estudal-os-hemos nas suas demonstrações mais cabaes. Faremos d'elles uma galeria, onde analysaremos, physionomia por physionomia, feição por feição, aquelles que personifiquem melhor os generos de letras ali mais cultivados.

Entenda-se comtudo. O que vamos tentar não o inculcamos como trabalho cathgorico em materia de critica. A criticá em Portugal, como já notámos, ainda lida com muitos defeitos e os vicios dos balbuciamentos da arte; e antes que assim não fôra, não seriamos nós o juiz competente para proferir sentenças irrevogaveis. O que projectamos é apenas uma exposição de quadros, onde, com algum esforço de analyse, com alguns traços criticos, indicaremos os defeitos e bellezas de um grupo litterario, que é nosso pela patria e pelas inspirações, e que todavia o não parece, tão desconhecido e arredado anda de nós.

(Continúa)

ANDRADE FERREIRA.

tiva historia, e a indiferença profunda com que o vulgo profano tractava as intimas dores e o coração inapreciado do meu heroe.

Os gaiatos do sitio, afeiçãoados á onomatopéa como todos os gaiatos de todas as épocas, tinham-lhe posto por alcunha: «mestre Estouro».

O mestre não podia sahir á rua que o não seguisse um coro turbulento grunhindo, guinchando, latindo, chiando e ganindo-lhe uma aclamação burlesca, com taes variedades imitativas que abrangiam o diapasão completo do reino animal.

— «Lá vae mestre Estouro, lá vae mestre Estouro!» — vozava a turba maltrapilha apenas o avistava, e investia atraz d'elle engrossando a cauda da sua popularidade alfamista.

Mestre Marçal porém ia seu caminho com a magestade dos graves infortunios, e só respondia com a silenciosa e magnanima superioridade que dá o costume das catastrophes, deixando berrar a mó dos garotos, como hoje em dia um estadista impavido, que leu Horacio em pequeno, deixa trovejar as tempestades parlamentares.

— Mas por que motivo chamavam os gaiatos a mestre Marçal «mestre Estouro?» perguntará o leitor admirado.

É justa a curiosidade, e para satisfazel-a principio a interessantissima narrativa, que é como se relata:

Mestre Marçal era natural de Lisboa, onde exercera em tempos felizes a profissão de fogueteiro, com tamanho applauso, que não havia festa ou romaria, um par de leguas em redondo, na qual se não invocasse o seu *valioso auxilio*, como se diz na actualidade.

Seja-me aqui permittida uma nova digressão. Presumo que o leitor intelligente percebeu agora a rasão por que o fogueteiro tinha o cognome significativo de «mestre Estouro.»

Feita esta observação indispensavel, prosigo e apuro os factos de que resa a chronica.

Desgraçadamente para mestre Marçal, o governo de Philippe III, na sua paternal solicitude, não gostava de ver os portuguezes a brincar com polvora, temendo decerto não se queimassem; e a lei de 9 de janeiro de 1610 deitou a perder o officio, a que o mestre, duzentos annos adiantado ao seculo em que vivia, chamava já modestamente a sua arte.

Como a corte de Castella estivesse continuamente sonhando revoltas, e receiasse ver sair de cada provincia um novo Prior do Crato, ordenava a tal lei¹ «que se não usasse de nenhuns fogos

¹ Textual.

«ou artificios nas festas de Santos, nem por outras occasiões, e «que nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, (calidade refere «o texto) que fosse, os podesse fazer, ou mandar fazer, ou lançar «sob pena de tres annos de degredo para Angola com barão «e pregão, e vinte cruzados em dinheiro, etc. etc.

N'estas lastimosas circumstancias, já se vê, a sciencia pyrotechnica de mestre Marçal, longe de lhe ser proveitosa, era-lhe causa de trances continuos.

Para desdita maior, mestre Marçal não era só fogueteiro por necessidade de ganhar a vida ; era fogueteiro por indole, por gosto, por paixão, por espirito de artista. Nascêra com aquelle feitio. A manipulação da polvora, do carvão, do salitre, do enxofre e da limalha ; o fabrico das rodas e estopins ; o preparo de todas aquellas industrias era para elle uma necessidade da sua organisação. Tinha a bossa ou protuberancia da foguetividade, caracteristico este que tinha de escapar ao mesmo Gall.

Nos seus annos florescentes havia-o dotado a natureza de uma rotundidade satisfactoria. Os desgostos produzidos, por aquella maldicta lei, tinham-lhe porém mirrado e dessecado as carnes, exercendo de dia para dia uma depressão sensivel na sua espessura.

Em compensação, parecia ir ganhando proporcionalmente em comprimento.

Ao cabo de seis annos mestre Marçal não podia já tolerar a privação imposta por Sua Magestade Catholica, e exordiava o descobrimento do *spleen*. Esticava a olhos vistos, e alongava do mesmo modo.

Os seus amigos, notando que passava da atrophia ao marasmo aconselharam-lhe distracções.

A Providencia, que vigia os Marçaes como qualquer outro mortal, proporcionou-lhe uma distracção.

Para ultimar o litigio, que havia oito annos trazia sobre umas geiras de terra no Alemtejo e um alfarrobal no Algarve, viera de Olhão sua patria a Lisboa a senhora Medéa Brandoa, viuva de um mercieiro e honrado commerciante de figos seccos. Tendo rematado com bom exito a demanda, quiz a sua boa ou má estrella que encontrasse um dia em Chellas o nosso ex-fogueteiro, que estava então nos seus vinte e cinco, e ainda não havia attingido a perfeição de diaphaneidade e longura a que estava predestinado.

A viuva, tendo conservado saudosas reminiscencias do primeiro matrimonio, pensava em deixar de o ser ; e mestre Marçal, como dissemos, procurava distrahir-se.

Para encurtarmos preambulos, a senhora Medéa, inflammou-se.

Fôra o misero, depois da sua viuvez, o primeiro e unico homem que se lembrára de olhar para ella. Quanto ao mestre, no estado de resequimento progressivo em que ía, uma scintilla bastava para o pôr a arder.

Ao contacto d'esta chamma, o incendio latente da tia Brandoa desatou em labaredas.

Ficou logo evidente aos olhos menos perspicazes que o fogueteiro, aposentado por ordem superior, conquistára de um rasgo o coração, as geiras e o alfarrobal da senhora Medéa. O mestre podia dizer como Cesar: *veni, vidi, vici*.

A viuva não era affeiçãoada ás moratorias e dilacões. Tinha-lhes tomado aversão declarada nos oito annos da demanda.

Ao cabo de um mez offerencia a sua mão ao futuro martyr. Ao cabo de tres semanas estavam casados. Ao cabo de oito dias mestre Marçal achava que a lei dos Philippes era uma amostra do paraizo em comparação do seu novo estado!

A senhora Medéa, que jurava frequentemente pela santa do seu nome, com grave escandalo de Agiologio Romano, resumia e verificava todas as furias do mythologico homonymo com que a haviam prendado na pia baptismal.

Foi esta uma extravagancia qualificativa, bem que prophetica, de que não pude achar explicação nas profusas investigações e e numerosos codices d'onde extrahi e colligi mui veridica historia.

Peço indulgencia para o enxerto d'esta breve annotação, e ato o fio ao discurso.

As mais sanhudas imprecações da Medéa grega de Euripides, da Medéa latina de Séneca, e das tres Medéas francezas de Corneille, de Logouvé e Longepierre, eram amenidades bucolicas ao pé da phraseologia hirsuta e praguenta d'esta Medéa algarvia, que desbancava as suas predecessoras.

Amestrada pela experiencia do primeiro marido, colheu o infeliz Marçal por uma docilidade e submissão affectada, de que se indeminisou amplamente aos primeiros tres dias de consorio.

Mestre Marçal esteve a ponto de estalar como a sua melhor bomba. Não podendo estalar, continuou a emagrecer, coisa que espantou toda a gente.

Era claro como o dia que as distracções não lhe aproveitavam.

II

DE COMO MESTRE MARÇAL BUSCOU ESPAIRECER DOS SEUS PEZARES.

O ditoso fogueteiro, minado por novos dissabores, como vi-

mos, fôra apoucando, diminuindo e adelgaçando até chegar ao ideal, á perfeição, á esthetica do genero.

Não tendo achado no casamento o recreio e diversão de que tanto carecia, entrára de novo a scismar lembranças do passado. Mestre Marçal não comia, mestre Marçal não dormia, mestre Marçal esquivava-se á companhia de seus amigos, mestre Marçal finalmente fa-se tornando o spectro de si mesmo.

Os não iniciados diziam ao principio — que haviam de ser os encantos em segunda mão do que a civilisação gallicista chama hoje lua de mel, lua que para o triste era de fel. Mas o tempo decorria, e mestre Marçal a diluir-se, a rarefazer-se cada vez mais, prodigio que o fazia rivalisar com as sombras de Virgilio.

Mestre Marçal, infeliz no consorcio, acoutava-se mentalmente com desesperada saudade ao santuario das suas recordações artisticas, agravando magoas incuraveis.

Pelas festas do anno, correndo todos os riscos, (e não eram poucos!) da objurgatoria conjugal, o misero outhorgava-se o innocente desafogo de fabricar o seu valverde, ou bicha de rabiari, symbolo dos attractivos da sua cara e bem cara metade; e quando todos no bairro dormiam o somno do justo, calafetadas hermeticamente portas e janellas, saboreava o vedado regallo de escorvar e accender estas puerilidades pyrotechnicas no pavimento terreo da sua morada, que estava muito longe de ser um palacio.

Mestre Marçal, ou antes a senhora Medéa, porque era ella quem figurava em casa, morava no becco da Amargura,² sitio que perfeitamente quadrava com o seu estado, ao pé da rua de Jerusalem, como quem fa das portas da Alfófa para a antiga freguezia de S. Bartholomeu intra-muros, ou Bartholameu, como diziam os contemporaneos do mestre.

Os habitantes d'aquella parte da cidade, que occupava approximadamente a área agora comprehendida entre a Costa do Castello e a rua de santa Luzia, em geral homens de trabalho, recolhiam cedo e tinham o somno pesado. Por consequencia

² O becco da Amargura existia realmente na época em que se passa a acção. No mesmo caso estão todas as outras designações que pertencem ao estudo physionomico de Lisboa no seculo xvii. Todas as indicações topographicas são authenticas, e podem verificar-se nas monographias, noticias, relações e documentos respectivos. Evitam-se as citações para cortar prolixidades. A idéa do auctor n'este esboço foi justamente esconder sob os ornatos da narrativa, e dissimular com o atractivo de uma ficção, mais ou menos aprazivel, a aridez das investigações archeologicas. Tentou arregaçar o véo já espesso de dois seculos sobre um perfil da velha capital, com as suas feições originaes, dando uma idéa da vida que então a animava.

pouco risco havia n'esta infracção das ordenanças, que para o desherdado tinha a irritante e ácre voluptuosidade das fruições reconditas.

Deus sabe todavia quantas exhortações, acompanhadas de gestos um tanto exaggerados, este momentaneo passatempo valia ao pobre de mestre Marçal.

Que era porém um valverde e uma bicha de rabiari para o artista cubicoso de gloria, que tão alto alçava as suas aspirações como ao diante veremos? Os rudimentos e ingenuidades da arte na infancia mal podiam contentar um homem da tempera e da estiva de mestre Marçal.

Na occasião em que a desastrosa lei o colhéra no melhor das suas manipulações e das suas esperanças, mestre Marçal estava em vespéras de fazer uma revolução completa no systema dos foguetes.

Imagine-se o effeito d'aquelle embargo legal posto ás concepções de um grande engenho em vespéras de parto.

Quantos Marçaes não precipitam ainda hoje das alturas do poder as inconstancias politicas, justamente no instante em que iam salvar a patria depois de alguns annos de inuteis esforços!

O tempo, em vez de metigar a paixão do mestre, cada vez a exacerbava mais, exactamente como o genio da senhora Medéa. O illustre pyrotechnico perdeu por fim de todo a paciencia.

A famosa lei, como todas as leis, tinha degenerado pouco a pouco dos seus rigores primitivos. Eram já conhecidos varios exemplos de pequenas transgressões que haviam ficado impunes. Para dizer a verdade, fôra por falta de conhecimento cabal dos seus auctores. Indicava porém este accidente que se não devia considerar absolutamente impossivel escapar á implacabilidade das justicas de Sua Magestade Catholica.

Mestre Marçal deliberou insurreccionar-se tambem, sem pedir o beneplacito da consorte, já se sabe.

No dia em que tomou esta resolução, mestre Marçal pensou que envergonhára em heroicidade os Doze de Inglaterra, como na pessoa envergonhava o nome do seu Magriço.

O primeiro cuidado do mestre foi comprar clandestinamente uma porção rasoavel de polvora bombardeira, astutamente fraudada, que tratou de subtrahir á vigilancia perspicaz da senhora Medéa, muito mais maliciosa que a dos corregedores do crime.

Vencida esta difficuldade, que não era das somenos, começou com delicias a cogitar no que faria da sua polvora.

Mestre Marçal, como dissemos, presava sobre tudo a especia-

lidade do foguete, e esperava n'ella alcançar uma reputação verdadeiramente estrondosa.

Desde 1610 fôra este o unico periodo em que, na phrase do philosopho, «se sentíra viver.»

Os vizinhos notavam-lhe um ar lepidio e prasenteiro, que fez por momentos acreditar na sua viuvez. Até se lhe podiam descobrir tendencias nascentes para arredondar de novo.

A senhora Medéa scismava com esta insolita innovação; mas como elle cumpria os seus deveres conjugaes com irreprehen-sivel orthodoxia, e mesmo com certo addicionamento de boa vontade devido certamente á melhora do estado moral, como não alludia sequer ao mais insignificante valverde, não se lhe podia pôr pécha.

A digna esposa do fogueteiro, que nem por isso andava menos desconfiada, pela primeira vez na sua vida tragava em segredo as conjecturas suspeitosas, esperando colher assim o delinquente em flagrante e desferrar-se por atacado.

Mestre Marçal entretanto ia amadurecendo o seu plano, e preparando disfarçadamente os meios de executa-lo, com uma astucia digna das chancellarias em que se trata do equilibrio europeu.

Mestre Marçal, depois de luminosas meditações, concluíra que os simples foguetes de respostas, e mesmo os de lagrimas, eram a deshonra da arte, e que por tanto cumpria urgentemente dar um impulso serio e decisivo a este importante ramo dos conhecimentos humanos.

Como todos os espiritos superiores adevinhava outro seculo. Vivendo hoje, mestre Marçal era uma victima da ingratição publica se não estivesse ao menos director de um instituto ou presidente de um centro.

Feitas cuidadosamente as suas ponderações, calculos e combinações, mestre Marçal suppoz ter achado a pedra phylosophal, o bezoar, a *ultima ratio* com tanta ancia procurada.

A ambição do mestre fôra sempre descobrir traças de fazer um foguete, que, não só estoirasse, mas se transformasse n'al-guma coisa.

Ninguém pôde imaginar com que desvello e ardor se encerrava no seu santuario afumado, e, saccando de uma bolsa de coiro, que tinha escondida em um sitio recatado, todos os ingredientes e petrechos necessarios, se punha a trabalhar na complicada cabeça do seu foguete modêlo. A cabeça é, como todos sabem, a parte essencial de um foguete. As horas de trabalho de mestre Marçal eram quando a senhora Medéa se ia a tratar das

suas compras, horas rendosas em que a afiada lingua da matrona se exercia á custa do proximo desde a visinhança até ao mercado.

Preparado tudo, e chegada a occasião propicia, um dia de hynverno, pelos fins da tarde, pouco antes de Trindades, mestre Marçal levantou-se do canto do lume, deu umas voltas pela casa em ar de quem não sabe como ha de matar o tempo, poz-se em bicos de pés para examinar assim por de mais uma gaiola appensa á parede, pegou na sua coróça para encobrir a exuberancia das algibeiras em que dissimulára o machinismo, e deu indicios de querer saír.

— «Aonde vaes?» — inquiriu a voz ágra e stridula da senhora Medéa, que o seguira com os olhos, e observára com assombro aquelles desusados preparativos.

Havia muito que estas objecções estavam previstas.

Mestre Marçal respondeu com o ar mais candido d'este mundo:

— «Vou ao celleiro do tio Cosme buscar um selamim de alpista para o pintaroxo. Pobre animalsinho!» — accrescentou para servir de peroração sentimental e reforço suasorio.

A senhora Medéa tinha a mania das aves, talvez por gritarem tanto como ella; e o honrado fogueteiro, que dispozera tudo com uma sagacidade verdadeiramente satanica, atacava-a pelo seu fraco.

A carinhosa esposa do artista foi immediatamente verificar o facto; e, não achando um bago no comedouro, por que o precatado consorte tinha previamente despejado tudo na gamella do bácoro, respendeu em tom mais benigno e concessivo:

— «Não te demores.»

Com uma simpleza e boa fé de pastorinha de eggloga a senhora Medéa caíra innocentemente no laço. Aproveitou todavia a oportunidade para desaffogar a atrabilis inextinguivel, soltando, na sollicitude da sua gerencia domestica, uma serie de exclamações admirativas e irritadas sobre a voracidade das aves caseiras.

Mestre Marçal, que tinha prolixamente meditado a indole da esposa e as artes de logral-a, retorquiou com invejavel naturalidade, dando geitos de largar a coróça, como se não tivera o minimo empenho de saír.

— «Não, se não queres...»

Tanto bastava para que a senhora Medéa insistisse.

— «Pois não vês que o pobre do animal não tem nem um grão para a noite?»

— «Tambem de noite para qué?»

— «Para qué? Vejam lá o coração d'esta alimaria! Queres que morra de fome, desalmado?» — terminou a agastada matrona subindo uma oitava á ira.

Mestre Marçal curvou a cabeça com a resignação do costume, conchegou a coróça como victima da obediencia, levantou a aldrava, e safu abafando nas abas do sombreiro um sorriso de Talleyrand!

Vencido este passo, que elle por boas rasões reputava o mais arduo, o resto parecia ao meu heroe uma empreza comparativamente facil.

Bem certo é o dictado: «o homem põe e Deus dispõe!»

Saíndo de casa com a feição mortificada e submissa de quem vae fazer um recado por condescendencia, mestre Marçal teve animo de seguir pelo becco sem apressar o passo, na attitude morosa que tinha adoptado na ultima parte do seu papel: receiava ainda, e não era sem motivo, que a espia conjugal o estivesse atalaiando.

Apenas dobrou a esquina foi uma verdadeira transfiguração. Caminhava expedito e agil como se a lei dos Philippes se houvera abrogado na vespera, ou o seu casamento tivera sido annullado com todas as solemnidades em boa e devida fórma.

III

DE COMO MESTRE MARÇAL SUBIU AO CALVÁRIO JULGANDO TREPAR AO CAPITOLIO

O honrado Mestre, livre de olheiros, e seguro de que por este lado o não estorvarião, tomou ás portas da Alfófa, e ahí não faltou ao religioso dever de se encommendar á devota imagem de Santo Antonio, que ficava por cima das ditas portas, e representava o Santo no acto de livrar o pae da força, pintura em azulejo de muito respeito e veneração, onde, por devoção particular do artista, o padroeiro de Lisboa figurava rodeado de frades da Companhia, antecipando a bagatella de duzentos e oitenta annos a introducção dos jesuitas.

O mestre, que não era versado em archeologias, não reparou no anachronismo, e desceu pela ingreme ladeira de S. Chrispim, que ficava quasi fronteira ás portas.

Chegando abaixo, embrenhou-se n'um labyrintho de viellas, de encruzilhadas, de alfurjas e beccos immundos, e desfechou no Rocio pela rua da Bitesga, que era n'aquelle tempo uma travessa enviousada e tortuosa toda em colovellos e recantos.

Tomou então pela rua que ficava á esquerda do hospital de Todos-os-santos, situado, pouco mais ou menos, no terreno que hoje occupa o mercado da Praça da Figueira, e dirigiu-se ao convento de S. Domingos, contiguo ao dito hospital, a fazer sua venia e oração ao sancto do seu nome, que é, como todos sabem, especial advogado e protector dos que professam aquella arte peregrina, por cuja maior honra e esplendor elle fa affrontar as penas dos contraventores, e a colera da senhora Medéa que lhes não ficava a dever nada.

Pelo caminho escurecêra de todo, como era indispensavel ás experiencias do mestre. Os frades estavam a Vesperas. Só se tivera insurdecido no paraizo, deixaria o sancto de ouvir a fervorosa oração do seu inspirado servo.

Saindo de S. Domingos, mestre Marçal ladeou o palacio da Inquisição que tantas vicissitudes passou, onde hoje se levanta o theatro de D. Maria II, e entrou na rua de Valverde, titulo que o bom do fogueteiro, por uma interpretação que sabia aos trocadilhos do seu tempo, hoje chrimados em *calembourgs*, julgou do melhor agouro na sua empreza.

Caminhando e fazendo estas observações horoscopiças, mestre Marçal enfiou pela rua, agora calçada, do Duque, e deu finalmente comsigo em S. Roque, saindo da cidade pelo postigo do Condestavel, e encaminhando-se ás terras da Cotovia e sitio da Valentona.

Tudo isto se passava á prima noite de um dia humido de setembro do citado anno de 1622. Por consequencia, muito erraria quem procurasse n'esta descripção a Lisboa moderna, tão mudada e tão diversa da Lisboa que então ainda quasi se limitava á antiga cidade de D. Fernando.

Este sitio da Valentona e Cotovia, cujos vestigios ainda ha poucos annos appareciam, e cuja ultima designação se conserva, ficavam n'aquella época em descampado, e prolongavam-se até ás immedições do ponto que actualmente se denomina o largo do Rato, onde, coisa de 80 annos depois, se fundou o convento de Nossa Senhora dos Remedios, da ordem trinitaria, theatro das proezas da celebre Madre Theresa de S. José.

Ainda em 1755, desde o alto da Cotovia até á travessa do Pomal, rua de S. Bento e Cardaes de Jesus, o terreno, em que presentemente se debruça uma grande parte da cidade alta, era quasi um ermo, retalhado em terras de sementeira, e geralmente applicado á cultura dos cereaes, com poucas casas, posto que entre ellas já avultasse o edificio occupado agora pela Imprensa Nacional, o convento dos Jesuitas recentemente devorado pelas cham-

mas, em que successivamente se estabeleceu o Collegio dos Nobres, a Academia de Marinha, e ultimamente a Escolla Polytechnica, e emfim as casas da Real Fabrica da seda concluidas em 1740.

Mestre Marçal, que se tinha previdentemente munido dos instrumentos necessarios, absorto no seu projecto, internou-se pelas terras, alegrando-se d'aquella soledade que n'outra qualquer occasião o houvera arripiado de terror.

Para remate de precauç^oo tinha com antecedencia visitado e examinado o sitio, e sabia com o que poderia contar.

Aqui sou forçado a descer alguns furos á gravidade oratória para não prejudicar a escrupulosa fidelidade da chronica. Conheço que é uma grande temeridade e o remorso maréa-me a audacia; mas já agora é impossivel fugir ás instancias da minuciosidade descriptiva a que me obriguei e ás necessidades didacticas do meu assumpto.

Apesar de todas estas precauções, realmente não sei como introduza na scena o termo, a idéa, o objecto por que me aperta a minha Clio investigadora. Indispensavel é elle; mas vae pôr n'uma braza a fidalguia da dicção, vae cobrir de lucto a austera dignidade e a engommada emphase da rhetorica schollar. Perdoae-me, offendidos manes de Empédocles, de Longino, de Hermodenes, de Dionysio de Harlicarnasso, de Photio e Quintillianno. Valei-me, reformadores do seculo de XVIII, que não temestes o odio da periphrase nem as revindictas do circumloquio, e principiastes a chamar as coisas pelos seus nomes. Inspirae-me, doutrinas de Jaucourt, desculpae-me exemplos de Boileau:

Rien n'est beau que le vrai...

J'appelle un chat un chat...

De tudo isto careço para me escudar contra as maldições, que, d'além da Castallia improphanada, me vibram as colericas sombras dos arcades magestosos, justamente irritadas d'este attentado, d'esta trivialidade, d'este inaudito arrojão, d'esta plebeidade sem precedentes, com que ousão apresentar aos olhos e ouvidos do leitor delicado... um... um caniço!

Respiro emfim. Está vencida a difficuldade. Passei o meu Rubicon. A terrivel palavra, a que não pude achar substituição em muitas noites de insomnia, safu-me dos bicos da penna sem m'os queimar. Louvado seja o estimulo providencial que m'a empurrou. Sem isso ficava eternamente impando com o negregado vocabulo embargado e represado. *Quia se sub silentio abscondit.*

Um caniço era com effeito o accessorio absolutamente preciso

para completar o maravilhoso foguete, escrupulosamente accommodado, com todas as suas pertencas, no vasto boço dos largos calções de riço já calvo em partes.

Se mestre Marçal saísse de casa e atravessasse a cidade com um caniço na mão, não só provocaria da parte da senhora Medea uma serie de perguntas a que lhe não seria facil responder, mas attrahiria duplicadas vaias dos gaiatos do bairro, e seus consocios, já demasiadamente propensos, como vimos, a celebrar o todo alagartado do illustre pyrotechnico com um luxo de epithetos que poderia admiravelmente enriquecer o vocabulario nacional.

Mestre Marçal tinha tambem acautellado esta difficuldade, e por aqui se verá como a sua previsão e prudencia se estendia ás infimas particularidades.

O terreno que se inclina para a actual praça da Alegria, era quasi todo coberto de hortas. Esta circumstancia, minima na apparencia, não escapára á sagacidade do mestre, porque o estro tudo aproveitava, e tivera uma influencia decisiva na sua escolha. Havendo hortas necessariamente havia canaviaes. Examinando minuciosamente aquelle apreciado individuo da illustre familia das gramineas, o qual (ainda me lembra a tempo este incidente nobiliario) já na mais remota antiguidade teve o singular privilegio de diffundir a orelhuda reputação do rei Midas, o mestre cortou o que lhe pareceu mais accommodado ao seu intento; em poucos minutos, com uma pericia e destreza que attestavam a assiduidade e o costume, estava despojado das folhas, e perfeitamente adaptado ao uso a que o destinára.

Mestre Marçal possuia a cauda do seu foguete.

Voltando ás terras solitarias, terminou o apparelho ajustando ao caniço já preparado o tubo conductor e a cabeça do artificio, onde se escondia ignorada a sua futura gloria. Um barbante unctoso e enresinado solidificou em todas as suas partes o mecanismo exterior.

Com uma palpação difficil de exprimir, mestre Marçal feriu lume e accendeu o morrão. Depois interrogou longamente a densidade das trevas, para verificar não assistisse algum curioso aos seus ensaios, não porque fosse inimigo da publicidade, mas porque a fatal ordenança acompanhava invisivel os varios actos do infractor, e a circumspecção, como temos observado, era um dos seus mais eminentes dotes.

O exame foi satisfactorio. Mestre Marçal podia-se julgar n'uma thebaida.

Disposto tudo, chegou ao tubo, cautelosamente escorvado, o lume do morrão, com a mão tremula de uma anciedade igual

á do auctor que vé approximar-se o quinto acto do primeiro drama, com elle o desenlace tão esperado e tão temido, e com o desenlace uma pateada de metter os tampos dentro, ou uma roda de palmas que ás vezes não vale mais.

O foguete subiu, descrevendo uma curva graciosa como um cometa caudato, e estoitou com as suas onze respostas, conturbando os eccos da vizinhança desavezados de tal estrondo. Mas — oh! desgraça! — o artificio interior, a nova transformação, o *desideratum*, o X, a maravilha, com tanto amor preparada, ou por precipitação no arranjo, ou por má disposição nos estopins em vez de arder, foi ao longe sumir-se incognita entre os cômodos de terra de um campo alqueivado para cevada.

A estrella de mestre Marçal apagava-se nos adubos de um vegetal destinado a alimentar quadrupedes!

O estoiro das bombas no ar accordou então todos os terrores que a paixão lhe adormecêra na alma de artista. Mestre Marçal teve horror da sua audacia. O malogro de tantas esperanças acabára o enleio e confusão do infeliz. Mestre Marçal infringira as leis para se certificar do seu descobrimento, para penetrar novos mysterios para glorificar a arte e o mundo, e nem sequer podia fixar o seu espirito sobre os effeitos e resultados de um invento que tanto lhe promettia. Que desfecho!

O honrado mestre tinha perdido as azas de Icaro n'umas leivas humilimas, e a realidade apparecia-lhe tumida de belleguins e com um cardume de esbirros.

Immóvel no lugar em que tinha commettido o crime, commettido nos seus deveres de cidadão, e ferido nas suas aspirações artisticas, só uma coisa podia arrancar mestre Marçal ao turpor causado pelos pungentes remorsos da sua acção e pelo *desapontamento* do seu *fiasco*: era a subita lembrança da colera da senhora Medéa, que se accumularia proporcionalmente áquella prolongada demora.

Quando esta idéa terrível surgiu no cerebro abalado de mestre Marçal, a immobilidade do terror desatou n'uma furia ambulatória, que lhe dava uns ares de familia com a Atalanta de Scyros ou o Mazzepa de Byron.

O amotinado bestunto de mestre Marçal, desencaçado da sua natural prudencia, não reflectia que, apesar da solidão do sitio, o seu foguete illegal podia ter sido ouvido, — a menos que uma surdez contagiosa não houvesse calafetado todos os ouvidos por aquellas cercanias, — e que, por consequencia, a precipitação da sua carreira, muito semelhante a uma fuga, excitando as suspeitas, o denunciaria aos menos perspicazes.

Mestre Marçal desorientado galgou ao acaso as terras de pão e as hortas que se encadeavam na direcção da cidade baixa. Não estava ainda bem em si do sobresalto e do inesperado desenlace da sua obra. Com o desassocego e torvação que lhe infundia a perspectiva assustadora da senhora Medéa, endireitou pelas portas de santo Antão, scismando no modo mais facil de conjurar a tempestade domestica.

Como havia de elle, pobre delinquente, ralado de tantas angustias justificar a dilatada ausencia no tribunal inexorvel da assanhada esposa? Que pensaria ella? Qual seria a ultima peripécia d'aquelle dia nefasto?

Nada d'isto lembrára a mestre Marçal em quanto o incitavam os alvoroços da esperanza e o enthusiasmo o inflammava. Com o desconforto do ruim exito, na hora aziaga do crime, affluiram-lhe em negro tópel ao cerebro escandecido todas as imagens terrificas, confirmando o bom senso do proverbio que diz: «um mal nunca vem só!»

A sagacidade e astucia, de que déra tão exuberantes provas nos anteloquios e preambulos da melindrosa operação haviam-lhe fugido com as suas illusões em debandada. Corria machinalmente desamparado de força e de invenção. O grande homem infeliz vergava sob o peso do infortunio, e perdéra até a consciencia do proprio valor na derrota de tão altos sonhos.

Moderando o passo pouco a pouco, não por calculo senão por cansasso, ia chegando defronte da igreja de S. Luiz dos Franceztes, quando sentiu que um punho alentado lhe comprimia o hombro esquerdo com vigor mais que ordinario.

Mestre Marçal esfriou todo na sua consciencia de criminoso, e deu um pulo desmesurado procurando descortinar, por entre a cerração da noite, quem era o interruptor intempestivo do seu preocupado regresso.

Só poude perceber um vulto embuçado até á barba em ampla capa escura, e um largo sombreiro carregado até aos olhos, e levemente inclinado diante d'elle em signal de cortezia.

O fogueteiro, que era mui urbano de seu natural, descarapuçou-se rasgadamente na presença d'esta affabilidade incognita.

—«Boas noites, mestre Marçal!» — disse uma voz aflutada e meliflua, d'estas que o vulgo designa com o epitheto caracteristico de «voz de sovelão.»

Mestre Marçal pasmou de encontrar conhecimentos n'um bairro tão distante do seu. Como porém nem a intonação nem a palavra inculcassem ameaça, correspondeu do melhor modo que poude, dizendo para o seu interlocutor:

— «Muito boas noites. A quem tenho eu a honra...?»

No mesmo ponto uma palmada, não menos possante no hombro direito, fez dar a mestre Marçal segundo pulo duas vezes maior que o primeiro, e coou-lhe um calafrio agudo pela espinha dorsal.

Outro vulto, perfeitamente igual ao antecedente, com a unica differença de parecer um tanto mais refeito e varonil, cortejava do lado opposto o attonito mestre, que se abysmava de surpresa em surpresa.

Uma nova cortezia, ainda mais amavel da parte do desconhecido, e ainda mais constricta da parte do mestre, foi permuttada entre este e aquelle.

— «Boas noites, mestre!» — disse tambem uma segunda voz, como se fizesse ecco á primeira, salvo a ser o tom mais cheio e a inflexão duplicadamente benigna.

(Continúa.)

J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR.

O SINEIRO INVISIVEL.**LENDAS****I**

Na guerra eleva-se a gloria
Do turbilhão das batalhas.
Ao derrocar as muralhas
Das cidades, o canhão
Diz aos guerreiros indomitos,
Que o mundo celebra a fama
Do que mais sangue derrama,
Do que tem mais impia mão.

São da côr do sangue, fulgidas,
As vestes da gloria altiva :
Prende ao seu carro captiva,
Envolta em funebre véo,
A clemencia. Negras furias,
Com voz de bronze, ao futuro
Ensinam seu nome impuro,
Que os homens julgam do céu.

A gloria ! Por ella os seculos
Tem visto os homens prostrados ;
Dos tyrannos despiçados.
Cobardes tremendo, aos pés.

N'esse vão lutar mortifero
 Das nações tudo é tristeza!
 É para os máos a grandeza;
 Para os povos o revez.

É o santo amor da patria
 Pela gloria despresado;
 A mão do rude soldado
 As liberdades desfaz.
 Foge a paz ao clamor funebre
 Da batalha; espavorida,
 A virtude cáe sem vida
 Diante da força audaz.

Quando rebentando, subito
 Incendio voraz, a guerra
 Escravisa inteira a terra,
 Os povos gemem de horror,
 Pranteam, tristes, os miseros,
 Ao céo pedindo piedade.
 Vai de cidade em cidade
 Correndo o frio pavôr.

Então altisonos canticos
 Os guerreiros animosos
 Repetem: e, temerosos,
 Talam o mundo em tropel.
 Desmantelando os imperios,
 Devastando, dando a morte,
 Cumprem, ás cegas, da sorte
 Fera sentença cruel.

Correndo ao fatal estádio,
 Qual genio da tempestade,
 Póde co'a forte vontade
 Vencer o conquistador.
 Sobe do poder ao cumulo.
 Ai d'elle! O poder despreza!
 Quer vencer a natureza;
 Quer ser do mundo sénhor.

Como agonisante naufrago;
 Pelas vagas envolvido,

Ora se julga perdido,
 Ora crê já tomar pé;
 Assim de grandezas avido,
 Ora o temido soldado
 Crê ter o mundo-esmagado,
 Ora em sustos perde a fé.

Vem por fim a morte gélida
 Conquistador, conquistados,
 Escravos, chefes, soldados,
 Reduzir todos a pó:
 E sobre os sepulchros tacitos
 Lança o tempo o esquecimento.
 Ao seu gastar, triste e lento,
 Mal um nome escapa só!

II

Vinha coberto de gloria.
 Seu nome está na memoria
 Dos valentes, que a victoria
 Souberam sempre ganhar.

É seu nome celebrado
 Por todo o heroe soldado.
 Seu nome ficou lembrado
 A quem o viu pelejar.

Henrique vinha orgulhoso
 Da guerra: porém saudoso,
 No coração amoroso
 Uma doce imagem traz.

Commetteu valentes feitos,
 Rompeu inimigos peitos...
 Seus pensamentos sujeitos
 Libertar não ousa audaz.

Andou por distantes terras,
 Por cidades, mares, serras;
 Combateu em cruas guerras;
 Mas seu amor não mudou.

Esqueceu-lhe a doce vida
 Dos campos, a alegre lida,
 O rio, o bosque, a ermida,
 Mais namorado voltou.

De longe tem heldade
 Mais poder, quando a saudade
 Cria n'alma a soledade
 No rumor da multidão:

Assim de longe é mais pura
 A paixão; tem mais duçura,
 Menos ardor, mais ternura,
 Namorado coração.

Vem da guerra. Altivo, ousado,
 Pensa o valente soldado
 Ter seu nome eternizado
 Com as façanhas, que fez.

Lembram-lhe os altos clamores,
 Das batalhas os fragores,
 As honras aos vencedores,
 O triunphante pavez.

Vê branquejar lá no monte,
 Vê no distante horisonte,
 Pobre aldeia. Viva fonte
 De prazer n'alma se abriu.

Em sonhos, seus verdes annos,
 De amor os doces enganos,
 Os bailes singelos, lhanos,
 As festas, tudo elle viu.

«É tão bella a singeleza!
 «—Pensou elle— a natureza
 «Tem encantos, tem grandeza,
 «Como as cidades não tem.

«É tudo aqui formusura,
 «Tudo respira brandura:
 «Deus, a terra, a creatura,
 «Tudo se enlaça no bem.

«Sobre ruínas a morte
 «Ergue, além, um throno ao forte;
 «Aqui da cruenta sorte
 «O grão poder nada val:

«Além, sangue a terra inquina,
 «Aqui, a planta germina;
 «Além a infamia domina;
 «Aqui nunca entrou o mal.»

Ora a frente, bella e nobre,
 De fundas rugas se cobre;
 E de Henrique mal se encobre
 O torvo remorso atroz;

Ora lhe brinca um sorriso
 Na bocca; em sonho indiciso
 Vê formar-se um paraíso,
 Em que amor tudo dispoz.

E da serra á branca aldeia
 De chegar prestes aneia;
 Armas, guerra, tudo odeia,
 Só cogita em ser feliz.

Vê-se já co'a amante ao lado,
 Vê-se de amigos cercado,
 Brincando alegre no prado
 Das flores sobre o matiz.

III

Era ingreme a serra, ao cimo
 A branca aldeia ficava,
 O rijo vento arrastava
 As nuvens, escuro limo,
 Que a tempestade foruava.

Já no occaso o sol se apagava:
 Caem as trevas no espaço,
 Abatido Henrique e lasso

Quer subir á rude fraga:
Detem-no mortal cansaso.

Seu incerto pé, sem força,
Poisa tremulo no chão,
Tremenda, estranha illusão!
Para ir ao cimo se esforça
Da serra, mas sempre em vão.

Cresce a serra? Foge a aldeia?
Que mão de bronze a segura?
É de infernal desventura
O soldado triste preia?
É do demonio captura?

Caminha! E a serra immensa
Vai sempre, sempre crescendo,
As urzes lhe vão perdendo
Os passos. Na mata densa
Já vai o trilho perdendo.

E da selva na espessura,
Que opacas trevas enchiam,
Lobregas fórmias corriam;
Terror, espanto na escura
Serra infausta desparziam.

Os robles para os abismos
Inclinam-se, oscilam, tremem:
Da tormenta as fúrias temem.
Em convulsos paroxismos
As rochas estalam, fremem.

A tormenta em ira insana
Brame, ronca pelos ares;
O raio em vivos colares
Cinge as nuvens, quebra, aplana
Os basalticos pilares.

De fraga em fraga caindo,
Esses gigantes da serra,
Batem, pulam sobre a terra.
Ao longe o ecco, rugindo,
Solta um gemido que aterra.

Apalpa o vibrante sólo,
Roja-se a custo o soldado,
De horror, de susto enfiado,
Ergue as mãos ao negro pólo,
Que fulge, que trôa irado.

Nos silvós do vendaval
Crê ouvir ais repetidos,
Dos inimigos vencidos
Os eccos do fundo val
Crê trazerem-lhe os gemidos.

Surgindo, os feros remorsos
Do ar, do bosque, do monte,
Enchem o vago horisonte.
Henrique faz vãos esforços
Porque a vertigem affronte.

Caminha! E a serra immensa
Vae sempre, sempre crescendo.
As urzes lhe vão prendendo
Os passos. Na mata densa
Já vae o trilho perdendo.

J. DE ANDRADE CORVO.

PALESTRA SCIENTIFICA

I

Entre os homens que teem reflectido, por pouco que seja, sobre as causas da civilisação actual, não ha por certo um só que desconheça a vasta importancia da chimica moderna, o seu grande influxo e amplissima ascendencia sobre quasi todos os ramos das sciencias naturaes, e, principalmente, sobre o trabalho industrial, ou elle tenha por fim augmentar e aperfeçoar as producções agricolas, ou transformar a materia inerte em coisas uteis.

Esta importancia e esta influencia deve-as a chimica ao trabalho e estudo incessante dos homens eminentes que a teem cultivado.

E, comtudo, esta e as outras sciencias não crearam a agricultura nem as artes industriaes, antes d'ellas nasceram.

Assim como os processos empiricos da geometria precederam as proposições demonstradas por inducção racional, tambem as artes chimicas crearam muitos e valiosos productos industriaes antes que a sciencia se constituísse sobre os principios rigorosos, que hoje a dominam.

Fabricou-se o vidro e a porcellana, reduziram-se os metaes, prepararam-se as cores e os medicamentos, adubou-se a terra, extrahiu-se o assucar, fez-se o vinho e d'elle se distillou o alcool, muito

antes de que os homens podessem contar a chimica entre as sciencias.

As observações fortuitas, as experiencias empiricas, as tentativas e inspirações felizes foram na verdade origem de muitos descobrimentos uteis, quando ainda as sciencias se não haviam constituido; mas a invenção e o trabalho moderno adquiriram um poder incomparavelmente superior, depois que as sciencias, inspiradas pela verdadeira philosophia, submettendo todos os factos ao rigor da analyse, fixaram os principios geraes e traçaram o caminho das investigações positivas.

Antigamente um processo era o segredo de um ou de poucos homens, que o exploravam em beneficio proprio, e avaramente o guardavam contra a curiosidade dos outros.

Hoje a sciencia não tem segredos, tem principios geraes, tem methodos rigorosos, tem preceitos definidos; e basta estabelecer claramente o problema, e propôr lucidamente a questão para que a sciencia, procedendo á investigação racional, seguindo a deducção logica dos principios incontrovertidos, chegue promptamente á resolução desejada, e adquira uma nova verdade, ou ensine um processo novo e efficaz.

Os empiricos procuravam a verdade unicamente pela experiencia, sem se preocuparem de causas geraes, nem das leis que regem a materia nas suas multiplicadas evoluções. Para elles o phenomeno observado era tudo, e no conhecimento dos effeitos estava toda a sciencia.

A sciencia era então necessariamente uma collecção de factos observados e descriptos, no que tinham de mais apparente e material: collecção immensa, confusa, desordenada e inextricavel.

A sciencia moderna dirige principalmente a sua attenção para o descobrimento das leis que regulam o exercicio das forças sobre a materia, porque o conhecimento d'essas forças, e das leis que as regem, lhe dá a chave de todos os phenomenos. Para estes a experiencia não é senão o instrumento indispensavel da investigação, instrumento que se emprega como a algebra nas operações do calculo, e cujo exercicio está sujeito a rigorosas e implacaveis regras.

Interrogai um empirico sobre a possibilidade e modo de obter um resultado qualquer; não vos responderá sem consultar a experiencia, e procurar por meio de longas, numerosas, e talvez inuteis tentativas a solução do problema.

O sabio moderno, de um golpe de vista, consultando os principios geraes da sciencia, pôde responder immediatamente sobre a possibilidade ou impossibilidade de alcançar o resultado desejado; e, governando a experiencia, chegará pelo caminho mais breve á aquisição da verdade procurada.

A chimica entrou rasgadamente, no fim do seculo passado, no caminho racional das investigações scientificas. Um grande genio a collocou sobre o rumo infallivel que a devia conduzir ás regiões da verdade, que muitos, antes d'elle, haviam inutilmente procurado. Lavoisier, pela direcção que imprimiu á chimica, fez d'ella uma sciencia universal e progressiva. A balança foi a sua bussola, e com este precioso e indispensavel instrumento navegam hoje seguros todos os infatigaveis exploradores, seguindo a derrota que elle lhes traçou.

A base, em que assenta todo o edificio da chimica moderna, é uma grande e immutavel verdade, que havia passado desapercibida a todos os sabios anteriores a Lavoisier — *Nada se perde, nem coisa alguma se cria.* — É este o pensamento predominante dos seus trabalhos scientificos. A materia não se destroe, nem se cria, muda de condições e de logar; transforma-se sim, mas continua a existir, e não cresce nem diminue. Lavoisier reconheceu esta importante e capital verdade, e, como diz Dumas, teve a intima e profunda convicção de que em todas as reacções a quantidade de materia empregada se encontra sempre nos productos, debaixo de outra fórma, sem duvida alguma, mas sempre com o mesmo peso. Assim concebeu a possibilidade de estabelecer a equação chimica, em que, pondo de um lado todos os materiaes empregados, e do outro todas as materias produzidas, haverá de um e outro lado peso igual.

A grande intelligencia d'aquelle genio não devia escapar o immenso partido que se póde tirar d'aquella verdade fundamental. Eis aqui como elle patenteia toda a sua idéa formulada no stylo vigoroso, claro, breve e preciso, como convém á sciencia, e que em Lavoisier revella o discipulo de Condillac.

Com effeito, diz elle, posso considerar as materias postas em presença e o resultado obtido, como uma equação algebrica; e suppondo successivamente cada um dos elementos d'esta equação desconhecido, posso tirar um valor e rectificar assim a experiencia.»

«Muitas vezes me aproveitei d'este methodo para corrigir os primeiros resultados das minhas experiencias, e para me guiar na escolha das precauções com que as devia recommençar.»

Não exaggero, dizendo que toda a arte de experimentar, que á chimica dos nossos dias dá tão subido valor, se acha compendiada n'estas poucas, mas tão conceituosas, palavras do grande reformador.

A doutrina dos quatro elementos, que se attribuia a Aristoteles, e a physica escolastica exerceram por largos seculos inqualificavel tyrannia sobre os espiritos, coarctando a liberdade da invenção, agrihoando o raciocinio, e impedindo que a chimica experimental se constituísse segura sobre as bases da verdadeira philosophia.

Paracelso atacou denodadamente esta oppressão escolastica; Becher continuou gloriosamente a campanha, e o seu commentador, o celebre Stahal, fundando a doutrina do phlogisto, apesar dos seus erros e desvarios, preparou o triumpho da verdadeira sciencia, alcançado finalmente por Lavoisier. Esta regeneração scientifica teve tambem os seus prophetas, o seu Baptista e o seu Messias.

O descobrimento do oxigenio e a theoria da combustão, fixaram o ponto de partida para a nova era da sciencia regenerada.

No ultimo quartel do seculo passado appareceram quasi que simultaneamente em scena tres homens eminentes, a cujos trabalhos deve hoje a chimica a gloria de se haver levantado triumphante a par das outras sciencias, patenteando ao mundo civilisado mais amplo caminho de progresso.

Schéele, Priestley, Lavoisier, trabalhando separadamente com fortuna e meios diversos, mas com energia igual, alcançaram durante a sua vida mais do que se podia esperar do esforço humano.

Schéele, descobrindo uma quantidade prodigiosa de corpos desconhecidos, pelos meios mais simples de uma analyse qualitativa extremamente delicada, preparou com rara habilidade e destresa os materiaes para a reforma da sciencia.

Priestley, empregando a exuberante actividade do seu original engenho no descobrimento e estudo da maior parte das substancias aeriformes, revelando a existencia e as principaes funcções do oxigenio, abriu, sem o saber, a porta das novas theorias por onde o genio de Lavoisier penetrou cheio de arrojo e confiança.

Lavoisier, illuminado pela brilhante luz de um talento raro e superior, lançou mão de todos os materiaes, que o estudo de tantos homens havia accumulado, e no meio da quasi inextricavel confusão de factos e doutrinas, soube apartar os erros das verdades, traçou com mão segura o sublime plano da reforma e constituiu a sciencia sobre as bases da rigorosa analyse ponderal, em que ainda hoje assenta, e da qual os seculos a não poderão derribar.

As sagradas escripturas dizem — Deus fez tudo por peso e medida — e Lavoisier, seguindo o pensamento do Creator, verificou pela balança que todas as obras da creação eram constituidas por justo peso; a balança foi o seu instrumento de predilecção, e á balança deve a chimica moderna todo o seu progresso.

A experiencia fundamental da grande revolução que devemos a Lavoisier, foi na realidade aquella pela qual elle verificou que os metaes, calcinando-se, augmentavam de peso pela fixação de uma parte de ar atmospherico.

O facto do augmento de peso que soffrem os metaes, quando se aquecem em presença do ar, era conhecido, mas a sua explicação

embaraçava e punha em torturas os sectarios da doutrina do phlogisto, porque elles consideravam os metaes, assim como todos os corpos combustiveis, compostos de uma terra ou cal, e do phlogisto, que no acto da calcinação, ou combustão, se libertava. O phlogisto era um ser de peso negativo, que em vez de ser attrahido para o centro da terra, como todas as outras substancias, tendia a desviar-se d'elle, tornando mais leves os corpos com que se combinava. Triste argucia de uma especulação puramente imaginaria.

Para se assenhorear de todas as condições da experiencia, e tirar d'esta todas as consequencias uteis, Lavoisier calcinou os metaes, e com especialidade o mercurio, em vasos fechados, onde um certo peso de metal se achava em presença de uma quantidade determinada de ar.

A experiencia mostrou, que, na calcinação, o metal, mudando de aspecto, augmentava de peso, em quanto o ar diminuia de volume; que a quantidade de metal calcinado era proporcional ao volume do ar contido nos vasos; que a parte do ar, que ficava depois da calcinação, era não só improprio para a continuar, mas havia perdido a faculdade de alimentar a respiração, e a de servir á combustão, asphixiando por isso os animaes e apagando o fogo dos corpos que, abrazados n'elle, se mergulhavam.

Deu Lavoisier a este residuo gazoso o nome de *azote*; palavra derivada do grego, e que indica que aquelle gaz é contrario á vida.

O metal calcinado perde o brilho, torna-se baço e terroso, e adquire uma côr que não tem relação com a do metal que lhe deu origem. Na combustão do mercurio, que foi aquella que serviu a Lavoisier para o estabelecimento da sua doutrina, o metal transforma-se n'uma substancia pulverulenta e rubra. Esta, sendo aquecida a uma temperatura superior áquella em que se fórma, converte-se novamente em metal e em gaz incolor semelhante no aspecto ao ar.

Lavoisier viu que, pela simples acção do calor, a cal do mercurio, ou o oxido d'este metal, como hoje se diz, restituia aquella parte do ar, que havia absorvido e fixado durante a calcinação: mas notou que esta parte do ar differia essencialmente da que havia ficado como residuo. Em vez de apagar a combustão dos corpos e de asphixiar os animaes, activa extraordinariamente aquella, e para a respiração era um alimento fortissimo.

Este corpo era o *oxigenio*, o elemento mais importante de quantos a chimica tem descoberto. Priestley, Schéele e Lavoisier descobriram-o talvez ao mesmo tempo, porém só este ultimo revelou a grande importancia d'este descobrimento.

A experiencia que acabo de mencionar, foi a primeira analyse que

revelou ao mundo a composição do ar atmospherico, que até então se reputava elemental.

Eis aqui como Lavoisier discorre sobre os resultados da sua experiencia. — Reflectindo sobre as circumstancias d'esta experiencia, vê-se que o mercurio, combinando-se, absorve a parte salubre e respiravel do ar, ou, para fallar de uma maneira mais rigorosa, a base d'esta parte respiravel; que a porção do ar que fica é uma especie de mof te, incapaz de entreter a combustão e a respiração. O ar atmospherico é pois composto de dois fluidos elasticos, de natureza differente e por assim dizer opposta.»

Descoberta a composição do ar, reconhecidas a natureza e as funcões dos seus elementos em uma serie de estudos profundamente meditados, começou a grande revolução da chimica. Esta sciencia entrou então no campo das investigações racionaes.

A analyse e a synthese ficaram sendo os meios de estudo. A analyse ponderal é volumetria, isto é, a decomposição, separação e avaliação directa das partes constituintes dos corpos, para reconhecer e avaliar a sua composição; a synthese ou reunião das partes separadas, isto é, a recomposição para verificar a verdade e exactidão da analyse.

O exame das forças que actuam sobre a materia, das leis que regem estas forças, e das circumstancias ou condições especiaes, que modifiquem estas acções, completam o estudo; e a reunião de todos estes conhecimentos fornece então ás intelligencias superiores o estabelecimento das theorias ou explicações geraes, que constituem a philosophia da sciencia.

Tal é hoje a marcha da sciencia como Lavoisier a traçou nos seus immortaes estudos. Os novos descobrimentos teem certamente dilatado a sciencia n'uma escala prodigiosa; o inventario actual da chimica menciona tão extraordinario numero de riquezas, que, dar a cada especie um nome, que exprima as suas particulares condições, segundo as regras da nomenclatura classica, não é já difficuldade de pouco momento; as novas theorias e explicações dos factos, renovam-se, succedem-se, multiplicam-se como elles; mas o quadro da sciencia subsiste o mesmo como Lavoisier o traçou; o espirito de investigação segue a mesma vereda; o genio de Lavoisier está sempre presente.

A monographia do oxigenio composta por Lavoisier serviu de modelo ás monographias do enxofre, do chloro e dos outros corpos analogos, que em trabalhos successivos, foram feitas pelos mais illustres chimicos d'este seculo.

Ao grande mestre da sciencia moderna competia fazer a historia do primeiro de todos os elementos, d'aquelle do qual depende a vida

e a morte dos seres organizados, d'essa parte mais complexa e sublime de toda a natureza; onde a suprema intelligencia se manifesta tão prodigiosa, e onde parece haver encadeado a élo que a prende a toda a criação.

Elemento essencial na constituição da atmospherá, da agua e dos mineraes que formam a crusta do globo, consideravel pela quantidade, importante pela energia da sua acção, o oxigenio concorreu poderosamente para a edificação do planeta em que habitamos, e é ainda hoje a grande causa das transformações da materia de que depende a vida, pois se perdesse a sua actividade, fixando-se permanentemente, o globo terrestre, como um cadaver inerte, seria arreatado atravez dos espaços celestes unicamente pela força bruta da attracção universal.

Estas considerações sobre a importancia do oxigenio obrigam-me a traçar, nos proximos artigos, a sua historia e a da atmospherá em que elle representa o papel mais importante.

J. PIMENTEL.

CHRONICA

Lisboa principia já a emigrar para o campo; os salões fecham-se; nos theatros rarêam os espectadores, e a vida do Chiado acaba. Até ao inverno ficam addiadas as unicas distracções que existem na capital. São dois mezes de separação para amigos e conhecidos; separação que se effectua insensivelmente, que só a ausencia denuncia e que apenas se explica n'um abraço a sombra do arvoredado dos Pizões, ou n'um aperto de mão á borda do Tejo, no sitio das praias. Mas para a maioria resta a abertura de S. Carlos, onde se festejam mais reaparições do que novidades. O theatro lyrico vive entre nós da sociedade e para a sociedade. Os grupos que a formam e convivem nos differentes salões reúnem-se ali todos. Ao pé do intimo está um indifferente, junto a uma sympathia uma antipathia, proximo de um amigo um inimigo, mas tudo quanto se conhece, se cumprimenta e se estima, garante aquelles camarotes e povôa aquella platêa. E para provar o que aventuramos, de que S. Carlos é além de theatro o salão de toda a nossa sociedade, reparem: ha um espectáculo attrahente e esplendido, como n'um baile affluem todos os convidados; ha uma representação vulgar e modesta concorrem apenas, como a uma *soiree*, os mais assiduos frequentadores. E não será a estes que a scena lyrica deve a sua existencia? Dizem que os nossos dilletantes são exigentes! E como não hão de sê-lo: Reparem que se exaggeram as exigencias, tambem exaggeram a protecção. A julgar por esta, a nossa sociedade é inquestionavelmente a mais artistica das sociedades da Europa, embora alguns o contestem, attribuindo o enthusiasmo pela scena lyrica, a moda. Enthusiasmo sincero ou moda, a arte lucra. É o que basta.

A época futura promette ser brilhantissima. Duas celebridades cantantes já foram escripturadas: a prima-dona Lotti e o tenor Fraschini. Consta-nos que a opera escolhida para debute d'aquella artista foi as *Vesperas Sicilianas*. Teremos finalmente occasião de ouvir esta partitura, cantada por um soprano, genero de voz para que o maestro a escrevêra.

Deixemos porém o futuro, e tratemos do presente, unica missão do chronista. Registrar os acontecimentos do mez que findou, é o que nos cumpre fazer, e vamos encetar a tarefa.

Os salões fecharam-se, como dissemos, e na soiré de despedida de um delles, teve logar uma revelação que muito contribuiu para realçar o esplendor da festa, augmentando-lhe tão poderoso encanto, que dura ainda na recordação, e que só revivendo apagará a saudade. A revelação foi de uma voz privilegiada, que pela primeira vez se fez ouvir, e que a todos captivou. Ninguém suspeitava que a graciosa filha das Hespanhas juntava mais esse dote a tantos que a distinguiam. Agora, leitor, se quereis saber o nome haveis de adivinhal-o, e para vos illucidar esboçarei levemente um perfil, que será facil reconhecer sabendo do sangue que pula nas veias do original.

Não é a formosura da estatua que resplandece no seu rosto; é a formosura da animação que só certas mulheres conhecem e sabem revelar. Quando apparece n'uma sala, impera pela graça e elegancia; quando se recosta

n'um camarote fascina com os meneios e olhares. O cinzel de Phidias não modelou collo mais bello; nem mais linda mão se escondeu nunca sob uma luva do Baron.

A companhia de *zarzuela*, estreou-se em S. Carlos com a *Catalina*. A novidade attrahiu nas primeiras recitas numerosas concorrencias, e o exito da *zarzuela* foi lisonjeiro. A sr.^a Barrejon e ao sr. Crescj, cabem as honras da interpretação. A musica tem lindos trechos, mas não é igual, affastando-se quasi sempre do genero hespanhol, defeito que vamos notando nos compositores que temos ouvido. Vê-se que os maestros aspiram mais a seguir a escola italiana, do que a continuar as tradições da sua. E é deveras para sentir, por que perde aquelle sainete, que era o seu mais brilhante caracteristico.

Conserva-se apenas a indole hespanhola na canção do barytono no segundo acto, que o sr. Crescj canta com expressão, e o publico applaude com enthusiasmo; assim como aos elegantes tambores que tão chistosa tornam a scena do exercicio.

No theatro normal subiu á scena, na noite do beneficio do actor Sargedas, o drama em quatro actos de Felicien Malefille, *As mães arrependidas*. Diversas razões contrbuiram para que esta bella producção fosse friamente acolhida. Em primeiro logar, *As mães arrependidas*, não é um drama, só para dizer, é para crear. Do desempenho depende tudo. Encerra situações que passam desapercibidas, se não forem superiormente interpretadas. A lucta das duas mães não attingindo o sublime, fica ridicula. Alguns modernos Aristarchos chamaram indecente a esta scena, arvorando-se em defensores da moralidade! Se é immoral é digna da primeira scena portugueza o dialogo das *mães arrependidas*, como serão então classificados, pelos zelosos moralistas, os dialogos entre a *Tisbe* e *Catarina* no *Angelo*, de Victor Hugo, e entre *Marie Stuard* e a *Rainha Elisabeth*, no drama de Schiller. E todavia ambas estas peças foram representadas e agradaram sem que ninguem condemnasse as duas scenas. Todos se maravilharam, ouvindo-as interpretadas pelas duas primeiras e unicas actrizes dramaticas nacionaes. : Emilia e Soller, um grande talento e uma vigorosa intelligencia. Ha dramas que só podem representar-se existindo ambas no theatro, e nós sempre considerámos n'este caso as *Mães arrependidas*.

Temos agora a registrar duas novas litterarias: a publicação de um livro por Lopes de Mendonça, e o primeiro volume do *Archivo Universal*, revista hebdomadaria, que findou a primeira serie da sua publicação, e que promette continuar, enriquecendo cada vez mais as suas paginas com artigos dos nossos melhores escriptores.

O livro de Lopes de Meadonça, é *Damião de Goes, e a Inquisição em Portugal*, trabalho esmerado e consciencioso, em que o distincto academico, mostra ser tão bom investigador como brilhante estylista.

Affirmam-nos que a celebre tragica Ristori, virá a Lisboa no proximo mez de setembro. Bemvinda seja.

A gravura que acompanha este numero é executada pelo sr. Annuniação, e cópia de um quadro seu, representando um dos sitios mais pittorescos da estrada de Sacavem.

ERNESTO BIESTER.